Antônio Laércio Nunes da Silva

A indisciplina no contexto escolar

Brejinho - PE
2025

Antônio Laércio Nunes da Silva

A indisciplina no contexto escolar

Brejinho - PE
2025

CONSELHO EDITORIAL

Patrício Borges Maracajá - UFCG
Tatiana Cristina Vasconcelos - UEPB
Ennio Artur Aires Porto Ferreira - FIP
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Ozildo dos Santos - UFCG
Aline Carla de Medeiros - UFCG
José Givaldo de Sousa - UFPB/UNIFACISA/SEDUC-JP
Danielly Carneiro de Azevedo - UFCG
Fernando Kidelmar Dantas de Oliveira - UFCG
Jakson Luís Galdino Dourado - UNIFIP
Alecksandra Vieira de Lacerda - UFCG
Silvia Regina Gobbo Rodrigues - UnB
Juliana Roriz Aarestrup - IFMT
Marisa Artmann – IFMT
Ênnyo José Barros de Araújo - FRCG
Samara Campos de Assis - FIP
Rosângela Vieira Freire – IFCE
Eriana Serpa Barreto - UFMT

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A635
Silva, Antônio Laércio Nunes da. **A indisciplina no contexto escolar** / Antônio Laércio Nunes da Silva. Brejinho - PE, GEASE, 2025**.**

42 p.
Livro digital
ISBN: 978-65-00-94091-6

1. Processo Educativo. 2. Indisciplina. 3. Impactos negativos. I. Título. II. Autor.

CDD 370=(134.3)

"[...] Na primeira noite eles se aproximam
e roubam uma flor do nosso jardim.
E não dizemos nada. Na segunda noite,
já não se escondem: pisam as flores,
matam nosso cão, e não dizemos nada.
Até que um dia, o mais frágil deles
entra sozinho em nossa casa,
rouba-nos a luz e, conhecendo nosso medo,
arranca-nos a voz da garganta.
E já não podemos dizer nada".

Eduardo Alves da Costa.

Sumário

Apresentação..... 9
A importância da disciplina no contexto escolar..... 13
Indisciplina escolar: Algumas considerações conceituais..... 23
A indisciplina nas escolas brasileiras: Um problema atual..... 31
Causas da indisciplina escolar..... 37
A escola como causadora da indisciplina..... 43
O professor como causador da indisciplina escolar..... 45
O aluno como causador da indisciplina escolar..... 51
A família como causadora da indisciplina escolar..... 53
Indisciplina: um desafio que a escola precisa superar..... 57
Consequências da indisciplina no

contexto escolar..... 67
Estratégias para o enfrentamento da indisciplina escolar..... 73
O papel da família no enfrentamento da indisciplina escolar..... 79
Violência e indisciplina em ambiente escolar..... 83
Conflito em âmbito escolar..... 87
Tipos de bullying..... 91
Alegria e prazer de estudar..... 97
Ações para minimizar a indisciplina.. 111
Concluindo..... 113
Referência..... 117

Apresentação

No âmbito educacional, a indisciplina se apresenta como um problema que possui várias causas. Contudo, independentemente do fator que lhe deu causa, ela sempre representa uma preocupação para o docente e para os demais profissionais que lidam com a promoção da educação.

Para Duarte (2020), tem-se a indisciplina no contexto escolar quando comportamentos inadequados são registrados em qualquer espaço da escola, violando os chamados padrões recomendados e gerando, de forma direta ou indireta, prejuízos ao processo escolar, dificultando o trabalho do professor e, consequentemente, o aprendizado em sala de aula.

Assim, pode-se conceituar a indisciplina no contexto escolar como a quebra da disciplina, traduzindo-se "*um grande obstáculo ao processo educativo, pois dificulta não somente o desenvolvimento do trabalho docente como o aprendizado por parte do educando*" (ARAÚJO; MENDONÇA, 2017, p. 31).

No âmbito da escola, a indisciplina é sempre definida enquanto manifestação do aluno, caracterizada pela presença do comportamento inadequado e sendo traduzida como falta de educação ou como desrespeito às regras estabelecidas, contrariando, assim, os padrões de comportamento esperados (SILVA, 2017).

Contudo, trata-se de um conceito que vem sendo construído ao longo do tempo, tendo em vista que à medida que a sociedade se transforma, surgem outros fatores que passam a ser considerados como causas da indisciplina escolar, que cada vez mais se torna multifatorial (JACOBS et al., 2018).

Para Duarte (2020), a escola é um ambiente onde a indisciplina se manifesta com maior intensidade, de modo a dificultar o trabalho dos educadores que, por sua vez, sofrem, se angustiam e até mesmo pensam em desistir da profissão docente.

Ademais, nos últimos anos, a indisciplina vem se constituindo em um dos grandes problemas que se desenvolvem no âmbito do contexto escolar, não somente trazendo implicações negativas para o processo educativo, mas também atingindo direta ou indiretamente todos os educandos.

Cada vem mais, a escola vem se transformando em palco de contendas indisciplinares. Isto somente não acontece nas escolas públicas. No contexto atual, a indisciplina é algo presente em todas as escolas, públicas e privadas, fato que mostra a necessidade de se pensar tudo que possa contribuir para amenizar o referido problema.

Diferentemente do que ocorria no passado, é cada vez maior o número dos fatores apontados como causas da indisciplina e também maior o rol das consequências geradas por esse fenômeno, que vem se constituindo em um dos maiores desafios enfrentados pela educação brasileira.

O enfrentamento da indisciplina não é uma missão simples. É algo que requer uma redefinição do papel da escola

e também a definição clara de políticas internas, que possam subsidiar melhor o processo educativo, reduzindo suas falhas e auxiliar a escola promover um melhor enfrentamento desse grande problema.

Apesar das significativas contribuições já proporcionadas por inúmeros estudos, dentre os quais, Araújo e Mendonça (2017); Duarte (2020) e Silva (2017), o assunto requer uma abordagem de natureza constante - considerando-se que constitui o cotidiano da escola -, sendo registrado em todos os espaços escolares públicos ou privados, direcionados às crianças ou até mesmo aos adolescentes.

Por assumir diferentes concepções e ser um problema multifatorial, a indisciplina é um fenômeno de difícil superação. Segundo Silva (2017), a indisciplina escolar exige, na maioria das vezes, uma intervenção multidisciplinar. Logo, a necessidade desse tipo de intervenção existe porque muitas vezes as causas da indisciplina não se encontram dentro da escola e de nada valerá instituir normas ou mudar a prática pedagógica. É preciso conhecer as suas causas para poder enfrentar o referido problema.

Araújo e Mendonça (2017, p. 30) ressaltam que *"sob diversos aspectos, a indisciplina escolar, hoje, se diferencia daquela observada em décadas anteriores. Ela não apresenta uma causa única ou mesmo principal"*. Desta forma, identificando os fatores que desencadeiam a indisciplina no contexto escolar, torna-se mais fácil enfrentar tal problema, partindo do princípio de que se pode desenvolver diferentes formas de intervenção - que resultarão em benefícios para todos os envolvidos no processo

educativo e que, de forma direta ou indireta, sentem os reflexos desse fenômeno.

Enquanto fenômeno que necessita ser problematizado, a indisciplina escolar encontra-se *"atrelada a inúmeros fatores e o conhecimento desses pode indicar caminhos a serem percorridos, no intuito de amenizar suas implicações para o processo de ensino e aprendizagem"* (ZOZ; TREVISAN; TREVISAN, 2021, p. 62).

Deve-se destacar que não existe uma '*receita*' pronta para com ela se combater a indisciplina. Diante disto, é importante se conhecer as abordagens gerais sobre o referido problema, pois isto facilitará a compreensão do problema local, que carrega as suas particularidades, dimensões e implicações.

Por trazer implicações negativas para todo o processo educativo, a indisciplina escolar é um problema que demanda atenção por parte de todos os envolvidos na educação. E a sua superação se faz necessária para que se torne possível uma aprendizagem significativa na sala de aula.

A importância da disciplina no contexto escolar

Historicamente, a escola vem sendo apresentada como sendo um espaço de promoção do ser humano. É nela onde as crianças travam os primeiros contatos com múltiplos saberes, interagem entre si, aprendem a viver em sociedade, trocam ideias e aprendizados, além de se construírem enquanto seres humanos. Por essa razão, muitas vezes, a escola é apresentada como sendo um espaço de transformação humana.

Contudo, o trabalho escolar não é fácil e nem simples. Para cumprir o seu papel, ou melhor, para cumprir a missão que lhe foi confiada, a escola precisa se preparar e planejar todo o processo educativo, que deve ser contextualizado e privilegiar as diversas particularidades apresentadas pelos discentes. E, mais ainda, visando se adequar às transformações que frequentemente se registram na sociedade, a escola precisa redefinir o seu papel.

Nesse sentido, Vasconcellos (2010) afirma que o processo educativo desenvolve-se observando um conjunto de regras baixadas pelas instituições escolares, sem as quais dificilmente se falaria em rendimento escolar.

É importante destacar, que ao longo do desenvolvimento do processo educativo, a disciplina exerce um papel de destaque, contribuindo para que a escola cumpra a sua missão e produza a necessária aprendizagem significativa.

Assim, revestida de um significativo valor para o processo educativo, a disciplina é algo que deve ser sempre buscado por parte da escola como um todo. Entretanto, na busca [que deve ser constante] pela disciplina e sua construção, a escola enfrenta inúmeros desafios.

Estudos, no âmbito da educação, apresentam conceitos para o termo '*disciplina*', entre eles Tiba (2006), Vasconcellos (2010) e Rebelo (2007). Embora diferentes, os conceitos divulgados para o referido termo preservam sua essência etimológica.

Em seu sentido léxico, o verbete '*disciplina*' é definido como sendo:

> *[Do lat. disciplina.]. S. f.: 1. Regime de ordem imposta ou livremente consentida. 2. Ordem que convém ao funcionamento regular duma organização (militar, escolar, etc.). 3. Relações de subordinação do aluno ao mestre ou ao instrutor. 4. Observância de preceitos ou normas. 5. Submissão a um regulamento. 6. Ensino, instrução, educação (FERREIRA, 2010, p. 625).*

A disciplina é a base para a sustentação de qualquer regime, pois a vida em sociedade exige a observância e o cumprimento de um conjunto de normas. Com a disciplina e através dela, busca-se o controle, visando o bom

funcionamento de um determinado espaço na sociedade como um todo.

No âmbito escolar, essa palavra pode ser empregada, relacionando-se ao sentido de obediência, objetivando uma melhor condução do processo educativo, na esperança de se obter um melhor rendimento escolar, que se traduz na aprendizagem.

Para a expressão '*disciplina escolar*', a literatura especializada apresenta várias definições. Dentre elas, trouxe-se para o presente trabalho uma apresentada por Tiba (2006, p. 99), que afirma:

> *Disciplina é um conjunto de regras que devem ser obedecidas para o êxito do aprendizado escolar [...]. Portanto, ela é uma qualidade de relacionamento humano entre o corpo docente e os alunos em uma sala de aula e, consequentemente, na escola.*

O processo educativo é carente de regras. E estas se fazem necessárias porque se trata de um processo, que exige planejamento e que para o qual se determina e estabelece metas. Por sua própria essência, o processo educativo é composto por diferentes etapas e cada etapa por 'n' tarefas/atividades, que exigem uma organização para melhor ser conduzido. Logo, não há como se conduzir um processo sem regras, principalmente, o processo educativo que é dirigido a um conjunto de indivíduos que possuem múltiplas particularidades. Desta forma, no contexto escolar a disciplina é algo necessário.

Na concepção de Santos (2020, p. 2), "*a disciplina propõe leis, ordens, regras que regem as ações das pessoas; isso parece bem simples, no entanto, a desobediência a essas regras implica a infração, insubordinação ou indisciplina*".

Dentro dessa mesma linha de pensamento, tentando justificar a necessidade da existência da disciplina nos mais variados contextos sociais, Kringe (2020, p. 3) ressalta que:

> *[...] a disciplina é necessária para o bom relacionamento entre os seres humanos, do mesmo modo que as regras existem para serem cumpridas, pois como vivemos em sociedade procuramos manter uma convivência harmoniosa e menos próxima do caos, por isso estabelecemos regramentos.*

Desta forma, constata-se que o termo '*disciplina*' encontra-se associado à palavra '*norma*', representando uma conduta esperada para o bom desempenho de uma determinada ação ou projeto.

Ela exige obediência a determinados regulamentos previamente elaborados, representando um conjunto de regras vigentes nos mais variados contextos, sejam estes sociais, institucionais ou empresariais.

Existe um consenso de que a presença da disciplina nos contextos sociais não é facultada, mas sempre necessária. Corroborando com esse pensamento, Jacobs et al. (2018, p. 159) ressaltam que:

> *Uma vida em sociedade necessita de regras que norteiam as relações pessoais; para que assim, estas possam possibilitar a interação, o diálogo e a cooperação entre as pessoas. A*

> *escola, por sua vez, por também ser um ambiente de convívio social, necessita de regras orientadoras que permeiam a convivência entre alunos e professores e exige uma ação da educação. Toda regra é caracterizada pela disciplina e esta, é muito almejada pelos professores e educadores, pois facilita a sua ação de coordenador do processo educativo.*

Desnecessário é destacar que a escola é também parte integrante da sociedade. Ciente dessa realidade, fica fácil compreender que, na escola, a disciplina é algo necessário para um bom desenvolvimento dos trabalhos educativos. Com ela e através dela, torna-se possível uma melhor coordenação do processo educativo que é desenvolvido em sala de aula por parte do professor.

Para Zoz; Trevisan e Trevisan (2021, p. 51):

> *[...] a disciplina é a ação de cumprir regras estabelecidas por determinados grupos, ou seja, o sujeito disciplinado será o que segue as leis estabelecidas, e o sujeito indisciplinado é aquele que não concorda com as regras estabelecidas e, desta forma não vê motivo de cumpri-las.*

Com base na citação acima, constata-se que para ser disciplinado é preciso seguir determinadas regras previamente estabelecidas. E, que qualquer desvio diante do estabelecido, leve-se à indisciplina, que se configura como sendo a não obediência às regras impostas para a sociedade ou determinado contexto.

De acordo com Jacobs et al. (2018, p. 160), "*no âmbito escolar especificamente, a disciplina pode ser entendida como*

adequação do comportamento do aluno com relação ao que o professor almeja em sala de aula".

Acolhidas as palavras de Jacobs et al. (2018), pode-se formular alguns questionamentos, como por exemplo: qual seria o comportamento desejado pelo professor? Ou ainda, qual o comportamento que se espera que o aluno apresente para ser considerado como sendo disciplinado? Uma sala de aula sempre silenciosa é produtiva?

Na realidade, o professor deseja encontrar uma sala de aula onde ele possa facilmente apresentar o conteúdo selecionado para a sua aula, sem, contudo, ser interrompido com algazarras ou conversas paralelas durante as explicações. Mas, isso dificilmente acontece. É da natureza humana a promoção contínua da interação entre os indivíduos.

Mesmo ficando calado, o ser humano '*conversa*', através do olhar, de um gesto ou de um sorriso. É o que comumente acontece em sala de aula, abrindo-se espaço para outros falares, que, quando não acompanhados e/ou contidos podem atrapalhar a aula, e com o tempo, contribuírem com o desenvolvimento das condutas indisciplinares.

Ainda segundo Jacobs et al. (2018, p. 160):

> *[...] o desejo do professor é que o aluno fique quieto, ouça atentamente as explicações que ele tem para dar e faça corretamente os exercícios. Neste contexto, se as atividades caminharem conforme o planejado, o professor irá sentir-se realizado [...].*

Pode-se afirmar que a conduta acima descrita por Jacobs et al. (2018) é positiva para o processo educativo.

Contudo, precisa-se de uma reflexão. Pois, o processo educativo não é dirigido para o professor e sim, para o aluno.

Para melhor se desenvolver tal processo precisa de participação e não de um sujeito [aluno] passivo, que em sala de aula apenas ouça atentamente as explicações, atuando de forma mecânica. A interação com os conteúdos apresentados e com os colegas em sala de aula são fundamentais para a aprendizagem do aluno que não deve ter uma postura passiva.

Entretanto, ressaltam Martins e Oliveira (2016, p. 3) que:

> *[...] é preciso ter cuidado com uma sala silenciosa: falar, conversar e debater pode representar um excelente instrumento pedagógico. Contudo, há momentos em que o silêncio e a concentração são necessários para que os conteúdos expostos sejam compreendidos.*

Logo, percebe-se que o silêncio contínuo não é ideal para a condução do processo educativo. É preciso que o professor compreenda que o processo educativo se constrói e deve ser conduzido pelo diálogo. Sem a troca de ideias ou pontos de vista, a aprendizagem não se constrói no contexto escolar.

Como bem frisam Martins e Oliveira (2016), existem momentos em que na sala de aula, o silêncio se faz necessário por diferentes motivos. Principalmente, para se ouvir e compreender melhor o que está sendo transmitido pelo professor ou por alguém, até mesmo por um aluno que esteja externando seu ponto de vista sobre determinado assunto ou

trazendo alguma contribuição ao que está sendo apresentado em sala de aula.

Por outro lado, voltando à discussão sobre a necessidade de regras no contexto escolar, Martins; Oliveira e Nicot (2016, p. 5) destacam que:

> *A ausência do estabelecimento de regras disciplinares interfere no ensino-aprendizagem, pois para professores a indisciplina tira a concentração do aluno, prejudica o raciocínio lógico, diminui o tempo com a restauração da ordem, sem contar com o desgaste causado ao trabalho em um ambiente de desordem.*

A necessidade da presença da disciplina na escola é algo pontual. Isto porque, o processo educativo é algo complexo e que precisa de regras para melhor se desenvolver. Sem tais regras, o ambiente escolar torna-se insustentável e improdutivo, gerando mal estar entre todos os participantes do processo educativo.

Logo, para se promover o processo de ensino aprendizagem, é necessário a presença da disciplina no contexto escolar. Sem dúvida alguma, no contexto da sala de aula, "*a ausência do estabelecimento de regras disciplinares interfere no ensino-aprendizagem*" (MARTINS; OLIVEIRA, 2016, p. 5), prejudicando o raciocínio daqueles alunos que querem realmente aprender.

Além disso, essa ausência de regras também traz desgastes para o professor, tornando ainda mais difícil e cansativo o seu trabalho em sala de aula.

Jacobs et al. (2018, p. 160) destacam também que "*a disciplina na escola, não pode ser entendida como se tivesse apenas a finalidade educativa em si mesma, prevalece a ideia de que ela não pode ser pura e unicamente de cunho exterior*".

Desta forma, pode-se ressaltar que a disciplina em si não se resume a um simples conjunto de regras e condutas a serem seguidas. Reconhecidamente, ela é necessária para a condução do trabalho escolar, contribuindo de maneira direta para que a escola cumpra o seu papel.

Indisciplina escolar: Algumas considerações conceituais

A indisciplina nos dias atuais têm se manifestado como um dos principais problemas enfrentados no espaço escolar, e isso tem sido uma preocupação permanente para todos os envolvidos no processo educativo.

Um estudo realizado por Silva (2017) traz essa preocupação e destaca que a indisciplina vem inviabilizando todo o trabalho educativo.

Diante do problema da indisciplina, os professores estão sempre interrompendo as suas aulas para disciplinar os educandos. Contudo, por maior que seja a intervenção do professor, não se resolve o referido problema. Quando muito, este profissional consegue controlar a classe por um determinado momento e, após esse breve período, o problema volta a se repetir - trazendo prejuízos para toda a turma.

Na opinião de Duarte (2020, p. 3), "*a indisciplina escolar vem se tornando um problema constante e preocupante*", e que "*é comum ouvir em conversas de professores relatos de conflitos e desavenças dentro da escola e fora dela*".

Entretanto, um estudo desenvolvido por Feliciano

(2020, p. 4) mostra que "*a indisciplina dos alunos é algo tão antigo quanto à própria escola e tem se tornado uma reclamação inevitável entre a maioria dos educadores*".

Logo, percebe-se que a questão da indisciplina escolar é um problema antigo que se mantém atual se revestindo de múltiplas particularidades e que vem se agravando no decorrer dos últimos anos, desafiando os educadores a vivenciarem uma realidade de difícil manejo ou condução.

No entanto, ao abordar a dimensão desse problema no contexto escolar, Santos (2016, p. 2) destaca que:

> *Não basta, contudo, identificar as causas mais comuns da indisciplina e usar de meios para preveni-la; torna-se primordial identificar formas de enfrentá-la com o objetivo de atender o que se busca em uma sala de aula: o ensino e a aprendizagem de conteúdos necessários à educação dos alunos.*

Assim sendo, diante dessa problemática, faz-se necessário que todos os envolvidos no processo de ensino-aprendizagem conheçam com clareza o que é disciplina. A partir desse entendimento é possível compreender a indisciplina, visto que esta é entendida como a ausência da disciplina.

Por ser um problema multifatorial, definir o termo '*indisciplina*' é uma tarefa difícil. Contudo, embora venha a ser analisada sob diferentes óticas e por diferentes áreas do conhecimento humano, a indisciplina escolar se relaciona à quebra da harmonia do contexto da escola, ou seja, resulta dos diferentes comportamentos dos indivíduos que a integram, de

sua organização interna, da gestão inadequada e outros fatores.

Buscando construir um conceito para o termo '*indisciplina*', Jacobs et al. (2018, p. 160) ressaltam que essa:

> *[...] é caracterizada por todo e qualquer ato contraditório a disciplina, levando à desordem, à desobediência, à rebelião; uma vez que a disciplina é onde se estabelece o regime de ordem imposta ou livremente aceita pelas pessoas porque sabe que as convém, para que se promova o bom funcionamento de uma determinada organização.*

A indisciplina é algo que está ligado ao desrespeito à determinada regra. No caso da indisciplina escolar, a regra desrespeitada é a quebra da disciplina, dificultando a aprendizagem de toda uma turma. Naquelas situações em que o indivíduo chega ao extremo e fere alguém, a sua atitude adquire um caráter de violência.

Mesmo reconhecendo a dimensão que possui a indisciplina como problema presente no cotidiano escolar, Kringe (2020, p. 4) faz o seguinte comentário:

> *Muitos professores confundem indisciplina com algumas situações do cotidiano escolar, por exemplo, um aluno que conversa, que debate, que tenta expor suas ideias e desejos, que se expressa por meio do seu corpo e movimentos, é considerado muitas vezes como um aluno indisciplinado.*

Definir '*indisciplina*' é difícil, e compreendê-la é algo complexo. Nem toda situação registrada em sala de aula deve ser caracterizada como sendo um ato indisciplinar. Logo, é

preciso que o professor saiba fazer essa diferenciação, pautando-se de forma coerente, sem, contudo, promover julgamentos que possam atrapalhar o desenvolvimento do aluno diante do processo educativo, conduzido em sala de aula.

Na opinião de Morais e Gimenes (2019, p. 156):

> *[...] a indisciplina escolar se manifesta por comportamentos que prejudicam a aula, geralmente, pela falta de cumprimento das regras mais do que pela gravidade. Muitos alunos se apresentam perturbadores dos trabalhos dos professores e prejudicam o processo de ensino-aprendizagem.*

Sem dúvidas, o comportamento indisciplinado de um ou mais alunos dentro da sala de aula, quebra toda a harmonia necessária ao bom desenvolvimento do processo educativo, trazendo múltiplos prejuízos. Portanto, é necessário combater a indisciplina, na esperança de dotar a escola das condições mínimas ao desenvolvimento do processo educativo.

O combate à indisciplina é algo que precisa ser promovido porque, segundo Rodrigues, Marques e Gomes (2016, p. 23), ela "*intervém no processo ensino-aprendizagem na escola, interferindo no trabalho docente*", causando sérios prejuízos ao processo educativo.

Na literatura especializada existem inúmeros conceitos para o termo "*indisciplina*". Por exemplo, para Matos e Ferrão (2016, p. 618), "*a indisciplina pode ser considerada um dos maiores indicadores do fracasso na socialização escolar, além de se mostrar fortemente associada ao desempenho acadêmico/cognitivo dos*

estudantes".

A partir das observações acima pode-se dizer que, ao contrário da indisciplina, a disciplina pode ser vista como a obediência a um conjunto de normas prescritas, que conduzem a um bom aproveitamento daquilo que é ofertado no contexto da sala de aula. Nessa visão, as regras são imprescindíveis ao desejado ordenamento, ajustamento e controle de cada aluno e da classe como um todo.

É importante ressaltar que, no contexto escolar, não se pode associar a disciplina à tirania. Toda tentativa voltada para a promoção da prática autoritária no contexto escolar deve ser barrada ou reprimida, uma vez que qualquer atitude nesse sentido desvirtua o processo de aprendizagem, deformando-o, tirando dele o espírito democrático e cerceando a liberdade e a espontaneidade do aluno.

Dissertando sobre o problema da indisciplina no contexto escolar, Silva (2017, p. 20108) ressalta que *"além de constituir um problema, a indisciplina na escola tem algo a dizer sobre o ambiente escolar e sobre a própria necessidade de avanço pedagógico e institucional".*

Martins e Oliveira (2016, p. 4) ressaltam que no âmbito escolar, *"a indisciplina se caracteriza por desrespeito ao professor e aos colegas, conversas paralelas, não fazer as atividades escolares e a falta de interesse em sala de aula".*

No entanto, de forma complementar, Silva Neto e Carvalho (2020, p. 4) afirmam que *"a indisciplina é qualquer atitude que impede a sequência da aula: conversa, andar pela classe, agitação causada para ir contra uma atividade proposta".*

A escola é sempre considerada como *'um foco de*

indisciplina', porque nela coexistem diferentes indivíduos, diferentes pessoas, de natureza e comportamentos diversos. Essa diversidade de pessoas e de comportamentos pode gerar conflitos e desentendimentos, quebrando a harmonia.

Contudo, nem sempre as causas da indisciplina estão no aluno. A própria organização escolar pode contribuir para o surgimento da indisciplina, conforme será aqui apresentado posteriormente.

Por outro lado, Oliveira e Müller (2018, p. 5) ao discutirem como os professores enfrentam a problema da indisciplina no contexto escolar, ressaltam que esses *"se sentem incapazes de agir diante de atos de indisciplina"*, pois *"existe uma insuficiência de orientações sobre sua ação em sala de aula em relação à indisciplina cometida por seus alunos"*.

Diante dessa informação percebe-se que, apesar de amplamente debatido, o problema da indisciplina ainda constitui uma preocupação entre os profissionais que se dedicam à promoção do processo educativo.

Na concepção de Castilho e Nogueira (2021, p. 21):

> *A indisciplina é um fenômeno eminentemente institucional, que ocorre em situações escolares de desrespeito às regras dessa instituição como, por exemplo, não usar o uniforme da escola ou não fazer o dever de casa, enquanto a violência se insere em um âmbito mais amplo. Ela fere regras sociais que servem a toda a sociedade, como depredar o patrimônio público ou agredir verbalmente ou fisicamente a alguém, sendo, ou não, um/a professor/a, um educador/ educadora ou outro/a estudante da escola.*

Independentemente da forma como a indisciplina se

manifesta, essa sempre se configura como um problema que afeta não somente o desempenho do aluno considerado indisciplinado, mas de todos os educandos ao seu redor. O ato indisciplinar promovido pelo aluno configura-se como um desrespeito aos colegas e aos professores, o que também é uma forma de violação às regras das escolas, afetando todo o processo educativo.

Ainda na concepção de Castilho e Nogueira (2021, p. 22), "*a indisciplina expressa um distanciamento entre o indivíduo e as prescrições previstas e veiculadas pelos papéis atribuídos aos/às estudantes, no caso da escola*".

Contrariar o que se encontra prescrito na escola é o papel do(a) aluno(a) indisciplinado(a). Condutas que assim se configuram não são construtivas e não somente produzem danos/prejuízos à vida escolar e social do(a) aluno(a) indisciplinado(a), como também produzem implicações negativas para os colegas de classe, para os professores e até mesmo para toda a escola.

A indisciplina nas escolas brasileiras: Um problema atual

Embora seja apresentada como sendo um desafio que precisa ser superado pela educação, a indisciplina é algo que ainda não é estudado na dimensão que precisa ser no Brasil. Tal problema, muitas vezes, *"é abordado de uma forma direta e explícita, figurando como uma temática secundária em trabalhos que têm como foco outras dimensões da vida escolar"* (SILVA; MATOS, 2017, p. 387).

Sem dúvida alguma, a falta de profundidade nas discussões de um problema tão sério registrado na educação tem dificultado o desenvolvimento de estratégias e intervenções para o seu enfrentamento.

De acordo com Jacobs et al. (2018, p. 159):

> *O sistema educacional enfrenta hoje um dos problemas mais relevantes em sua atuação, que é com toda certeza a questão da indisciplina escolar [...]. A educação, de certa forma, fica estremecida, com tantos relatos frequentes de atitudes agressivas por parte de alunos, onde muitos professores acabam por se sentirem reféns do medo e da insegurança tanto no âmbito escolar quanto fora dele.*

A indisciplina é um problema que nas duas últimas décadas vem ganhando uma maior proporção na educação brasileira, tornando-se uma das maiores preocupações para aqueles profissionais que encontram-se envolvidos na promoção do processo educativo. Tal problema se mostra como sendo de natureza complexa, visto que além de possuir várias causas, produz também diferentes implicações.

Nesse sentido, destaca Feliciano (2020, p. 2) que:

> *No contexto da educação Brasileira a indisciplina [...] é um problema vivenciado cotidianamente, sem que se consigam soluções eficazes para solucioná-lo, sendo um grande desafio para a instituição de ensino lidar com esse impasse, principalmente o professor que convive com essa realidade na sala de aula [...].*

A indisciplina encontra-se presente no cotidiano das escolas, sejam estas públicas ou privadas, em maior ou menor dimensão, mas sempre presente, constituindo-se em um grande desafio para o professor que tem a missão de conduzir o processo educativo. Na realidade, ela se constitui como mais um empecilho à aprendizagem do aluno, necessitando de constante atenção e maiores discussões no contexto escolar.

Para Kringe (2020, p. 2), "*falar de indisciplina é um tema que não se esgota*", visto que é de natureza complexa e que precisa ser combatida a todo custo no contexto escolar. Entretanto, "*não é um assunto de fácil solução*". *Ademais, não existem "receitas prontas para resolver o problema da indisciplina".*

Concordando com o ponto de vista acima apresentado, advertem Martins e Oliveira (2016, p. 3) que:

> *A indisciplina em sala de aula é um dos maiores problemas que as escolas enfrentam, em seu cotidiano provocando polêmicas e preocupação no meio educacional, então buscar subsídios para mais debates poderia proporcionar clareza e consenso em relação ao significado do termo e possíveis soluções.*

A complexidade e a falta de clareza quanto às causas e outras particularidades relacionadas à indisciplina, transformam essa em um problema de difícil enfrentamento, cuja expansão no contexto escolar vem colocando em risco o futuro e o aprendizado de muitas crianças e adolescentes no Brasil. Logo, a necessidade de intervenções pontuais é algo que se mostra por demais patente.

Na concepção de Silva et al. (2021, p. 94), "*a indisciplina tem produzido várias situações de desconforto no meio escolar. É comum professores reclamarem da falta de limites dos alunos, do não cumprimento de regras, das brigas, das discussões, entre outras situações em sala de aula*".

Quando uma sala de aula se torna um espaço indisciplinado, registra-se uma redução significativa no rendimento dos alunos. Em outras palavras, a aprendizagem é prejudicada.

O trabalho docente torna-se improdutivo. O '*clima*' da sala de aula deixa de ser acolhedor e torna-se 'pesado'. E, o que poderia ser um espaço propício ao desenvolvimento do processo educativo, torna-se um ambiente no qual, muitos alunos não desejam estar ou nele permanecerem.

Tudo isso mostra que o trabalho docente e, consequentemente, a aprendizagem do discente fluem melhor

nos ambientes escolares onde a disciplina não cede espaço à indisciplina.

Dimensionando o problema da indisciplina no contexto escolar, Pereira e Blum (2019, p. 740) fazem o seguinte comentário:

> *Na sala de aula a indisciplina tem se tornado um dos principais obstáculos para a realização do trabalho pedagógico, pelo menos é o que relata a maioria dos professores. Para que se tenha uma ideia da dimensão que esse fenômeno vem tomando no espaço escolar, basta observar as pautas das reuniões de pais, os encontros pedagógicos e as conversas em corredores e salas de professores. O que mais se ouvirá, sem sombra de dúvida, serão queixas dos comportamentos indisciplinares dos alunos.*

Quando se analisa a citação acima, procura-se compreender o quanto é difícil para o professor conduzir o processo educativo em sala de aula. Mais do que nunca, a indisciplina se mostra um problema cada vez mais presente e de difícil solução ou contorno. Entretanto, existe o entendimento de que a escola é incapaz de sozinha superar tal problema.

Domingos; Soares e Frainer (2018, p. 50-51) afirmam que na atualidade, "*a indisciplina escolar é um dos assuntos mais discutidos entre professores e equipe pedagógica, pois se trata de um problema enfrentado por eles em seu cotidiano. São casos que se repetem, ano após ano, sem que se consigam soluções satisfatórias*".

Problema complexo e multifatorial, a indisciplina exige um enfrentamento bem planejado. Contudo, sua

superação torna-se difícil, pois a escola enquanto instituição precisa fazer o seu papel. Também, é preciso que a família se interesse e de forma consciente, se faça mais presente à escola, discutindo as questões relacionadas ao processo educativo.

Abordando os problemas enfrentados pelas escolas brasileiras na atualidade, Silva e Matos (2017) destacam que a indisciplina escolar tem se ampliado porque os pais vêm atribuindo à escola toda a responsabilidade da formação de seus filhos. E, que muitos pais também são ausentes às reuniões escolares, deixando de tomarem conhecimento sobre a realidade vivida por seus filhos.

Causas da indisciplina escolar

No contexto escolar, a indisciplina é definida como sendo um problema que possui diversas causas. Ela não pode ser simplesmente vista como um problema que tem origem no aluno, é preciso compreender que muitos fatores contribuem para a produção dos chamados quadros de indisciplina no contexto escolar e, quando instalada, a indisciplina afeta negativamente todo o processo educativo.

Na opinião de Silva e Abud (2016, p. 103), *"a compreensão do fenômeno da indisciplina requer que sejam visualizadas as múltiplas facetas que o compõem"*.

É importante ressaltar que quando se compreende as diferentes particularidades da indisciplina, fica mais fácil desenvolver estratégias para se enfrentar tal problema.

Afirmam Gomes et al. (2022, p. 4) que "*indisciplina é plural, tanto no conceito quanto em suas causas, expressões e implicações no universo escolar*" e que tal problema "*não apresenta uma causa única*", mas sim, várias causas, que podem ser internas e externas à escola.

Para um melhor entendimento, o Quadro 1 apresenta algumas particularidades relacionadas aos dois distintos grupos, que congregam as causas da indisciplina escolar.

Quadro 1 – Causas da indisciplina escolar.

Causas	Descrições
Causas externas à escola	Estão ligadas às influências exercidas pelos meios de comunicação, a violência social e o ambiente familiar.
Causas internas à escola	Incluem o ambiente escolar e as condições de ensino-aprendizagem, os modos de relacionamento humano, o perfil dos alunos e sua capacidade de se adaptar aos esquemas da escola.

Fonte: Oliveira e Soares (2019), adaptado.

Inicialmente, quando se analisa as informações contidas no Quadro acima, verifica-se que além dos fatores internos, outros, ditos externos, podem ser relacionados como causas da indisciplina escolar. Entretanto, dependendo do contexto, determinados fatores internos podem ter maiores implicações do que aqueles considerados externos e vice-versa.

Gomes et al. (2022, p. 7) afirmam também que além de possui inúmeras causas e consequências, a indisciplina escolar pode "*ocorrer ou se desenvolver durante qualquer época e local que a aula aconteça*", acrescentando ainda que "*tal cenário está cada vez mais recorrente tanto nas escolas públicas quanto nas escolas particulares*".

Abordando o problema da indisciplina enfrentado pelas escolas brasileiras na atualidade, Silva et al. (2021, p. 88) também destacam que:

> *A indisciplina na escola pode emergir em atos de incivilidade. Portanto, antes de realizar uma análise sobre as suas causas, é importante observar todos os atores envolvidos na instância escolar (a escola, a família, os*

> *professores, a comunidade) para identificar outros possíveis desencadeadores de atos indisciplinares.*

Percebe-se que a indisciplina escolar não é um problema isolado. Para compreendê-lo e ter melhores condições para enfrentá-lo, além do diagnóstico completo da instituição escolar, é preciso conhecer a realidade da comunidade escolar, caracterizar os sujeitos envolvidos no processo educativo e procurar construir parcerias, para evitar quaisquer prejuízos à aprendizagem do discente.

Destacam Domingos; Soares e Frainer (2018, p. 56) que:

> *Quando a indisciplina se manifesta está atrelada a algum fator ou a vários fatores. Diagnosticar não é tarefa simples, implica em considerar todos os envolvidos, a cultura do aluno, etc., assim como cada aluno deve ser analisado com particularidade, através de suas peculiaridades, por isso todo cuidado se faz necessário. Professores e equipe pedagógica devem ter clareza de que todas as ações em relação à indisciplina "podem funcionar com determinado aluno, mas com outros, não".*

Pelo demonstrado, dependendo da situação, a indisciplina escolar pode ter uma única causa ou encontrar-se associada a múltiplos fatores. O conhecimento da realidade escolar é algo de suma importância para identificar as causas da indisciplina nesse contexto.

Todos os agentes envolvidos no processo educativo devem ter consciência de que trabalham com pessoas e que cada aluno é um ser diferente, exigindo um tratamento e cuidado de acordo com suas necessidades ou particularidades.

Discutindo também as causas desse grande problema vivenciado pela escola, Kringe (2020, p. 14) destaca que "*a indisciplina origina-se de diversos fatores, dentre eles, pelas relações familiares e, sobretudo, pela desmotivação do aluno que, na maioria das vezes, é ocasionada pela prática do professor em sala de aula*".

De acordo com as palavras acima transcritas, Kringe (2020) reconhece que as causas da indisciplina escolar são internas e externas à escola, afirmando que a prática docente pode gerar não somente a desmotivação como também a indisciplina.

No entanto, um estudo produzido por Jacobs et al. (2018) destaca que a indisciplina escolar é produzida por fatores psicossociais e por fatores pedagógicos. A forma como tais autores agrupam os citados fatores, encontra-se apresentada no Quadro 2, a seguir.

Quadro 2 - Fatores causadores da indisciplina escolar

Fatores causais	**Descrições**
Fatores psicossociais	A família
	A mídia
	A diversificação cultural entre os alunos
	Distúrbio de atenção
	Carência afetiva
Fatores pedagógicos	Imposição ou falta de regras
	Formação docente com base nos aspectos relacionais
	A proposta pedagógica do professor
	O sistema educacional e a escola

Fonte: Jacobs et al. (2018), adaptado.

Sem dúvida, a família exerce um papel muito grande na formação do aluno enquanto ser humano. Entretanto, na atualidade, o aluno é fortemente influenciado pela mídia e muitas vezes essa influência traz prejuízos ao processo de aprendizagem escolar, contribuindo para torná-lo indisciplinado. Por outro lado, deve-se reconhecer que a escola também tem a sua parcela de culpa na construção dos quadros de indisciplina em seu contexto.

Informa Santos (2016, p. 2) que "*são várias as causas da indisciplina em sala de aula, sendo que a maioria delas é apontada por pais e educadores sem que se faça uma reflexão dos seus porquês*".

Na realidade, a indisciplina trata-se de um problema complexo. E, ao invés de reciprocamente se acusarem, a família e a escola deveriam melhor discutir a indisciplina e juntos colocarem em prática estratégias e ações que sejam capazes de reduzirem ou de inibirem tal problema.

Na concepção de Domingos; Soares e Frainer (2018, p. 51-52), diante da indisciplina:

> *[...] o professor fica sem noção do que fazer, como agir, pois, chamar os pais é complicado, muitos nem vão à escola; ameaçar?; repreender?; castigar?; o que fazer, uma vez que há alunos que querem prestar atenção, querem aprender?; como fazer com que o respeito impere na escola, se cada aluno vem de uma realidade diferente?; como fazer com que a responsabilidade que possuem de que o ensino e, consequentemente, a aprendizagem aconteça nesse espaço, e assim, não pode ficar para último plano?*

Quando se analisa as palavras de Domingos; Soares e Frainer (2018) acima transcritas, constata-se o quanto é difícil

para o professor enfrentar a indisciplina no contexto de sua sala de aula.

O quadro descrito mostra que quando a indisciplina se instala em sala de aula, o professor - por melhor que seja - necessita de ajuda. E essa ajuda não é somente para superar a indisciplina da sala de aula, mas também para auxiliar o professor a se reconstruir enquanto pessoa, porque esse, atuando em um ambiente indisciplinado, se fragiliza psicologicamente.

A maioria dos autores pesquisados, a exemplo de Vasconcellos (2010), Rebelo (2007) e Antunes (2013), procura centralizar as causas da indisciplina escolar na própria escola, no aluno, no professor e na família, apresentando diferentes abordagens.

A escola como causadora da indisciplina

A escola, enquanto instituição tem a missão de contribuir com a formação do educando. Para que essa contribuição seja pontual e produtiva, ela precisa estar preparada em todos os sentidos para produzir um processo educativo que tenha qualidade.

Santos et al. (2023) afirmam que para cumprir o seu papel, a escola precisa não somente ter um bom processo de gestão, mas também ter infraestrutura, equipamentos e recursos pedagógicos apropriados, além de pessoal qualificado para desenvolver a prática docente.

É importante destacar que tudo o que acima foi pontuado é necessário a qualquer unidade escolar. Pois, a escola em si, não se limita apenas ao espaço físico, ela é constituída por um conjunto de recursos, ou seja, por recursos estruturais, humanos, materiais e pedagógicos.

Assim, quando a escola não apresenta o necessário para o seu bom funcionamento, pode está abrindo a porta para a indisciplina. Esclarecem Santos et al. (2023), que a escola precisa cumprir integralmente o seu papel para ter condições de produzir uma educação com qualidade.

Logo, se o ambiente escolar é inadequado, se a escola não possui equipamentos e nem recursos pedagógicos, a

insatisfação passa a ser presente e contagia não somente o professor [que precisa fazer milagre para dar a sua aula] como também o aluno, que se desmotiva por não encontrar ali, aquilo que foi buscar, ou seja, educação com qualidade.

Assim, objetivando evitar ser palco da indisciplina, a escola deveria olhar para dentro de si e eliminar tudo aquilo que possa contribuir com tal problema, como também reestruturar-se, adequar-se à realidade enquanto espaço de promoção da aprendizagem e de formação do discente. Pois, fazendo isso e cumprindo o seu papel, ficará bem mais fácil identificar as causas da indisciplina quando tal problema for registrado.

O professor como causador da indisciplina escolar

Na escola, o papel do professor é o de ser o facilitador do processo ensino-aprendizagem. As mudanças que se operaram na sociedade redefiniram o papel do professor e esse, em sala de aula, deixou de ser *'o dono do conhecimento'*, como era visto no passado.

Atualmente, como bem informam Gomes et al. (2022), o professor precisa ser um *'sujeito dinâmico'*, ativo e criativo.

Na realidade, o professor precisa saber utilizar a criatividade não somente para inovar a sua prática pedagógica, mas também para saber transformar a sala de aula em um ambiente acolhedor, no qual o processo educativo se desenvolva sempre de forma produtiva, gerando a necessária aprendizagem significativa entre os alunos.

Entretanto, tem-se que reconhecer que essa missão não é fácil de ser desempenhada. O professor precisa ser qualificado para desenvolver melhor a sua prática docente. Isto deve ser preocupação constante na vida do docente e não somente limitar-se à sua formação.

Oliveira e Müller (2018) destacam que quando o professor apresenta em sala de aula conteúdos que não

condizem com a realidade do aluno, essa falta de sintonia e de contextualização pode contribuir para com a produção da indisciplina escolar.

De forma complementar, Santos (2016, p. 5) afirma que "*situações como a falta de autoridade [por parte dos professores] e a ausência de motivação e de controle provocam desordem na sala de aula que se torna, dessa forma, um ambiente desordeiro e não adequado à aprendizagem*".

Acrescentam ainda Oliveira e Müller (2018, p. 2) que os educandos "*alegam também que o autoritarismo e os métodos tradicionais utilizados pelos professores são os responsáveis pelos problemas de indisciplina na escola*".

Sob a perspectiva acima, a causa da indisciplina estaria no professor e seria alimentada em grande parte pelo autoritarismo, bem como pela utilização, em sala de aula, de métodos tradicionais e ultrapassados. Se a missão do professor é transformar a sua sala de aula em um ambiente onde o aluno tem interesse de nela permanecer, ele precisa saber *'prender o aluno'*.

Portanto, para fazer isso, é preciso desenvolver uma prática pedagógica que não seja cansativa e desmotivadora.

De acordo com Jacobs et al (2018), para bem desenvolver a sua prática pedagógica, o professor precisa também saber construir uma boa e sólida relação com seus alunos.

Por outro lado, quando existe uma boa relação professor-aluno em sala de aula, a disciplina é algo que também se faz presente, dando à sala de aula o clima ideal para o desenvolvimento do debate necessário à construção da

aprendizagem significativa.

Oliveira e Soares (2019, p. 8) destacam que "*na própria relação entre professores e alunos habitam motivos para a indisciplina, e as formas de intervenção disciplinar que os professores praticam podem reforçar ou mesmo gerar modos de indisciplina*".

Logo, percebe-se o quanto é difícil a missão confiada ao docente. Em sala de aula, o professor precisa desenvolver uma prática pedagógica que seja objetiva, que produza resultados. Em outras palavras, ele precisa colocar em prática uma ação pedagógica que seja capaz de fazer com que o aluno aprenda e se envolva com todo o processo educativo. Se ele não for capaz de fazer isso, a sua sala de aula se tornará improdutiva e poderá se transformar em um ambiente indisciplinado.

Avaliando o papel e a missão do professor, Santos (2016, p. 8) ressalta que:

> *[...] é árdua a tarefa enfrentada pelo professor no dia a dia de seu mister: é preciso ter competência para agir diferente em cada sala de aula, uma vez que cada conjunto de alunos se manifesta de forma diferente às mesmas situações. O professor se reinventa a cada nova turma, novo conteúdo e essa reinvenção pode resultar em aluno motivado, em aluno, consequentemente, disciplinado. E não é só, o professor deve ser capaz de entender, também, que algumas medidas tomadas podem funcionar com determinado aluno, mas com outros, não.*

Conforme já registrado, cabe ao professor a missão de conduzir o processo educativo. Para tanto, além de precisar da chamada habilidade docente, ele também precisará saber

construir uma boa relação com o seu aluno, evitando que a comunicação com este apresente qualquer tipo de ruído, ou seja, que gere dúvidas ou insatisfações. Assim, para melhor realizar a missão que lhe foi confiada, o professor precisa saber inovar e transformar a sua sala de aula em um espaço proativo.

Na opinião de Silva e Matos (2017, p. 408):

> *[...] o clima disciplinar está fortemente associado à eficácia do professor em gerir a sala de aula, desenvolvendo ações que lhe permitam prevenir a ocorrência de comportamentos de indisciplina, há de se esperar que, em turmas menores, essa gestão possa ser realizada de modo mais eficaz.*

Na sala de aula, o professor não deve se preocupar em ser bonzinho. Ele precisa saber conduzir o processo educativo e ser eficiente. Sua postura em sala de aula e sua voz de comando são fatores que contribuem para evitar o registro frequente de casos de indisciplina escolar. Se ele assim souber se conduzir, muitas situações poderão ser evitadas.

Abordando também algumas particularidades relacionadas à postura do professor em sala de aula, Kringe (2020, p. 8) afirma que:

> *O professor deve ser autoridade da sala ao invés de adotar o autoritarismo, ou seja, para dizer não para um aluno é necessário ter uma justificativa, visto que, o não pelo não, gera conflito, por isso se faz necessário que o professor transmita a seus alunos regras objetivas e claras.*

É importante ressaltar que o processo educativo não deve ser contagiado pelo autoritarismo. Em uma sala de aula,

o professor precisa ter autoridade, mas não deve ser autoritário e nem arrogante. Ele precisa saber dialogar e, através do diálogo, conduzir o processo educativo. Pois, toda e qualquer atitude que desvie dessa postura, poderá ocasionar revolta, gerar apatia e produzir o desinteresse entre os discentes e, direta ou indiretamente, contribuir para a geração de quadros de indisciplina no contexto de sua sala de aula.

O aluno como causador da indisciplina escolar

Embora seja definido como sendo o principal sujeito do processo educativo, ou melhor, o sujeito para o qual o processo educativo é dirigido, o aluno muitas vezes também é apresentado como um dos causadores da indisciplina escolar, produzindo prejuízos a todos em sala de aula.

Entretanto, na concepção de Bastos (2020, p. 49198):

> *[...] o aluno não é o único culpado quando a aprendizagem não ocorre. Muitos fatores podem contribuir para a indisciplina em sala de aula, afetando diretamente na educação dos estudantes, ou seja, fazendo com que eles não aprendam, os quais podem ser causas ambientais, problemas psicológicos, problemas sociais, problemas familiares ou falta de disciplina em casa.*

Na prática, seguindo as observações feitas por Bastos (2020) e acima transcritas, antes de apontar o aluno como o principal causador da indisciplina escolar, é necessário promover uma avaliação mais completa sobre a escola, enquanto ambiente, e sobre a família da qual o discente é originário. Após coletar todas as informações, deve-se procurar identificar a origem ou o que motiva o comportamento indisciplinado apresentado pelo aluno. Não é um trabalho simples, mas é indispensável.

A família como causadora da indisciplina escolar

A família deve ser sempre a base do ser humano. Isto porque o homem precisa de alguém para auxiliá-lo no seu desenvolvimento, no seu aprendizado escolar, na sua vida como um todo. E é na família onde ele espera encontrar esse suporte tão necessário ao seu desenvolvimento enquanto pessoa humana.

Entretanto, na atualidade, muitas famílias não cumprem o seu papel de forma completa. Algumas até ignoram as suas responsabilidades, repassando para a escola toda a missão de educar suas crianças e adolescentes.

Um estudo realizado por Silva et al. (2021, p. 92) mostra que:

> *[...] o adolescente, ao chegar à escola com problemas, apresenta vários comportamentos, como agressividade, nervosismo, agitação, tristeza, entre outros. Tais situações podem ser decorrentes da falta de atenção da família, da existência de confrontos entre os familiares, bem como da estrutura e/ou processo pedagógico da escola.*

Dessa forma, constata-se o quanto é importante a presença da família na vida da criança e do adolescente, pois

quando os pais são ausentes, os filhos podem vir a sofrer de várias complicações [principalmente, aquelas de natureza psicológica] e/ou apresentarem comportamentos inadequados ao convívio social, principalmente, na escola, onde, com frequência, tornam-se indisciplinados.

De acordo com Santos (2016, p. 8):

> *[...] a família pode contribuir para a disciplina do aluno por meio de diversas posturas como: impor limites ao filho; ajudá-lo a construir uma postura crítica e a pensar no sentido da vida; não acobertar falhas; acreditar na possibilidade do filho; participar das atividades escolares; valorizar a escola, o professor e o estudo, acompanhar a vida escolar do filho.*

Quando se analisa a citação acima, é possível perceber o quanto significativa e valiosa é a contribuição da família na vida do educando, enquanto criança e/ou adolescente. Isto porque, o ser humano precisa de limites. A criança precisa ser educada para a vida em sociedade e a missão de promover esse processo é confiada à família. Se esta não o faz, a criança não conhecerá limites e, na vida, será um ser indisciplinado sob vários aspectos.

Destacam Silva e Abud (2016, p. 97) que "*muitas vezes, família e escola acusam-se mutuamente quando se trata do fracasso escolar, atribuindo uma à outra a culpa pela indisciplina que tanto desmotiva professores e alunos*".

É importante ressaltar que tal comportamento não ajuda a superar ou minimizar o problema da indisciplina escolar. Para o enfrentamento desse problema, a criação de

vínculos e parcerias entre a escola e a família é algo muito importante. E, porque não dizer, necessário.

Na opinião de Silva et al. (2021, p. 88):

> *[...] criar um elo entre as instituições (escola e família) é essencial para a formação do cidadão. Contribui-se assim para o desenvolvimento cognitivo e interacionista da criança e do adolescente na escola. Quando é possível estabelecer essas parcerias, o desenvolvimento do aluno é maior em todos os aspectos (motor, cognitivo, social, psicológico). O mesmo ocorre também no que se refere ao comportamento fora e dentro da escola, assim como na resolução das atividades escolares, o que possibilita atingir resultados positivos e significativos.*

Para que exista a possibilidade de se criar tais vínculos, necessário se faz a presença da família na escola, participando ativamente da vida escolar do educando, discutindo e apresentando suas contribuições para a solução dos problemas registrados na escola, principalmente, para aqueles que dificultam o processo de aprendizagem das crianças.

Indisciplina: um desafio que a escola precisa superar

A indisciplina escolar refere-se a comportamentos dos alunos que violam as regras estabelecidas pela instituição de ensino. Isto pode incluir chegar atrasado à aula, perturbar o professor ou outros alunos, não completar as tarefas atribuídas, utilizar dispositivos eletrônicos durante as aulas, entre outros comportamentos perturbadores.

Pode ter diversas causas, desde problemas pessoais ou familiares até dificuldades de aprendizagem ou distúrbios comportamentais. Além disso, fatores como o ambiente escolar, a qualidade do ensino e a relação entre professores e alunos também podem influenciar o aparecimento de comportamentos indisciplinados (TAVAREZ SOSA, 2023).

Para enfrentar tal indisciplina é importante implementar estratégias que promovam um ambiente de aprendizagem positivo e respeitoso. Isto pode incluir a aplicação consistente de regras e consequências, a promoção da participação ativa dos alunos na vida escolar, o apoio emocional e académico individualizado, bem como a promoção de relações positivas entre alunos e professores.

É importante que a comunidade escolar, incluindo pais, professores, administradores e alunos, trabalhe em conjunto para identificar as causas subjacentes da indisciplina e desenvolver intervenções eficazes para as resolver. A abordagem deve ser holística e focada no bem-estar abrangente dos alunos, tanto academicamente quanto pessoalmente (TAVAREZ SOSA, 2023).

A educação socioemocional emerge como um pilar essencial na redução da indisciplina escolar, concentrando-se no desenvolvimento das habilidades interpessoais e emocionais dos estudantes, preparando-os para lidar de forma construtiva com os desafios e conflitos típicos do ambiente escolar. Neste contexto, destacam-se diversas maneiras pelas quais a educação socioemocional contribui para mitigar a indisciplina.

Ao promover a autoconsciência, a educação socioemocional capacita os alunos a compreenderem profundamente suas próprias emoções, pensamentos e comportamentos. Tal habilidade os habilita a reconhecer e regular suas reações frente a situações desafiadoras, reduzindo impulsos impulsivos e comportamentos disruptivos (DA SILVA et al., 2023).

Através do desenvolvimento de habilidades de autorregulação, como técnicas de respiração profunda e meditação, os estudantes aprendem a gerenciar o estresse, a ansiedade e a frustração de maneira mais eficaz, diminuindo, consequentemente, a incidência de comportamentos indisciplinados.

A promoção da empatia e do respeito pelos outros é outra faceta importante da educação socioemocional. Ao cultivar a capacidade de se colocar no lugar dos colegas e entender suas necessidades e sentimentos, os alunos tendem a interagir de maneira mais respeitosa e colaborativa, reduzindo conflitos interpessoais e comportamentos desrespeitosos (DA SILVA et al., 2023).

Segundo Almeida (2003), para Vygotsky, a palavra é o elemento fundamental da linguagem e, consequentemente, do desenvolvimento social e cognitivo, devido ao seu considerável peso semântico: *"designa as coisas, codifica a experiência, denomina as ações e suas relações, descreve situações, reúne elementos em sistemas abrangentes"*.

Para Almeida (2003), o cerne das pesquisas e teorias de Vygotsky é *"a dimensão social do desenvolvimento humano"*, pois é por meio da interação com os outros que o indivíduo se constrói pela mediação da palavra.

Quando o indivíduo é portador de Necessidades Especiais, então a palavra vai ser "*dita*" pela quiromancia, pelo método *Braille*, pela Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), pois na escola, essa mediação se produz pela participação do adulto.

> *Entre outras concepções acerca do processo de desenvolvimento se encontra a questão da formação de conceitos. Esta, por sua vez, remete as relações entre pensamento e linguagem, a questão da mediação cultural, ao processo de internalização e ao papel da escola como transmissora oficial de conhecimentos, diferente dos apreendidos na vida cotidiana. (ALMEIDA, 2003, p. 103)*

Vygotsky critica a maneira tradicional com que se vinha estudando a formação de conceitos, pois partia-se da definição verbal já produzida, de maneira inadequada, pois deve-se valorizar o processo de formação e não o produto; o que importa é a elaboração mental que produz a palavra e não a palavra como produto acabado.

> *[...] Como pudemos observar, a criança não traz prontos os conceitos, mesmo os mais simples; cabe à escola ampliar os sistemas de referência trazidos de experiências anteriores com a linguagem. Estudos mais recentes contestam que a formação de conceitos se dê de maneira associativa, de forma a associar palavras e objetos. Fica evidenciado que se trata de um processo criativo e não mecânico, passivo. Pesquisas também têm revelado que crianças diferem entre si e de adolescentes e adultos na forma como suas mentes trabalham na solução de problemas. (VYGOTSKY apud ALMEIDA, 2003, p. 104).*

O desenvolvimento de habilidades de comunicação eficazes é essencial. O estímulo à escuta ativa e à expressão clara de ideias e sentimentos capacita os alunos a resolverem conflitos de forma construtiva e a buscar apoio quando necessário, evitando o recurso a comportamentos indisciplinados para chamar a atenção.

A educação socioemocional também engloba a aprendizagem de estratégias de resolução de conflitos e negociação, capacitando os alunos a resolver disputas de maneira pacífica e justa, promovendo um ambiente escolar mais harmonioso e colaborativo (PINHO; MARQUES, 2023).

A ênfase no fomento de relações positivas entre alunos e entre alunos e professores desempenha um papel crucial. Ao cultivar um clima de apoio e confiança mútuos, a educação socioemocional fortalece o senso de pertencimento dos alunos à comunidade escolar, reduzindo a probabilidade de comportamentos disruptivos motivados por alienação ou desconexão.

A educação socioemocional representa uma abordagem abrangente e preventiva para abordar a indisciplina escolar, capacitando os alunos com as habilidades e competências necessárias para enfrentar os desafios do ambiente escolar de maneira construtiva e positiva. A integração da educação socioemocional ao currículo escolar surge como uma estratégia eficaz para promover um clima escolar mais seguro, inclusivo e propício ao aprendizado (ALMEIDA, 2023).

A Disciplina Positiva emerge como uma filosofia educacional que se fundamenta no respeito mútuo, na cooperação e no encorajamento entre alunos e educadores, visando promover comportamentos positivos e responsáveis em crianças e jovens. Sua aplicação eficaz pode desempenhar um papel significativo na mitigação da indisciplina escolar, oferecendo um ambiente propício ao desenvolvimento integral dos estudantes (PINHO; MARQUES, 2023).

A Disciplina Positiva destaca-se pelo estabelecimento de limites claros e consistentes. Ao invés de adotar uma postura punitiva, essa abordagem prioriza a definição de expectativas de comportamento de forma respeitosa e empática, capacitando os alunos a compreenderem suas

responsabilidades na sala de aula e a desenvolverem habilidades de autorregulação.

A Disciplina Positiva promove a responsabilidade pessoal dos alunos por suas ações. Ao invés de simplesmente punir comportamentos inadequados, os estudantes são incentivados a refletirem sobre as consequências de suas escolhas, promovendo uma maior consciência e autocontrole, o que pode, por sua vez, reduzir a ocorrência de comportamentos indisciplinados (SILVA; CORRÊA, 2023).

Outro ponto fundamental é a ênfase no ensino de habilidades sociais e emocionais. Reconhecendo a importância dessas competências no desenvolvimento pessoal e acadêmico dos alunos, a Disciplina Positiva busca capacitá-los a lidar com suas emoções, resolver conflitos de forma construtiva e estabelecer relações interpessoais saudáveis, contribuindo assim para a redução da probabilidade de comportamentos indisciplinados motivados por dificuldades nesse âmbito.

A promoção da cooperação e do respeito mútuo também é uma característica marcante dessa abordagem. Ao criar um ambiente inclusivo e acolhedor, onde cada aluno se sente valorizado e respeitado, a Disciplina Positiva estimula comportamentos positivos e colaborativos, reduzindo a incidência de indisciplina (SILVA; CORRÊA, 2023).

A Disciplina Positiva encoraja a resolução de problemas de forma conjunta entre alunos e professores, promovendo um ambiente de aprendizagem onde os desafios são encarados como oportunidades de crescimento e aprendizado mútuo. Ao fortalecer a relação aluno-professor por meio de uma abordagem respeitosa e empática, a

Disciplina Positiva cria um vínculo positivo entre educadores e alunos, incentivando o engajamento no processo educacional e reduzindo a probabilidade de comportamentos indisciplinados motivados por desconexão ou alienação.

Oferece uma abordagem centrada no aluno, baseada no fortalecimento das habilidades sociais e emocionais, que não apenas ajuda a lidar com comportamentos indisciplinados existentes, mas também trabalha para prevenir sua ocorrência, promovendo um ambiente escolar mais saudável e propício ao aprendizado integral dos estudantes.

A neurociência tem desempenhado um papel cada vez mais significativo na compreensão dos processos cognitivos, emocionais e comportamentais dos alunos, proporcionando valiosas perspectivas para mitigar a indisciplina escolar. A partir dessa ciência, surgem abordagens e insights que podem ser aplicados de maneira eficaz na prevenção de comportamentos disruptivos no ambiente escolar (ALVES, 2023).

Primeiramente, a neurociência nos oferece uma compreensão aprofundada do desenvolvimento cerebral dos alunos ao longo do tempo. Destaca-se a importância dos períodos críticos de plasticidade e sensibilidade aos estímulos ambientais, elementos que podem informar práticas pedagógicas voltadas para um ambiente enriquecedor e de apoio.

Ao compreendermos melhor esses aspectos, facilitamos o desenvolvimento saudável das habilidades sociais e emocionais dos estudantes, o que contribui

diretamente para a redução da probabilidade de comportamentos indisciplinados.

Outro ponto relevante é a regulação emocional, aspecto crucial para o sucesso acadêmico e o bem-estar dos alunos. Estudos neurocientíficos evidenciam que estratégias baseadas nessa ciência, como mindfulness e técnicas de autorregulação emocional, são eficazes para auxiliar os alunos no manejo do estresse, da ansiedade e da frustração, o que por sua vez reduz a incidência de comportamentos disruptivos (SALLA, 2012).

A neurociência destaca a importância do desenvolvimento das habilidades sociais na prevenção da indisciplina escolar. A ênfase em aspectos como empatia, comunicação eficaz e resolução de conflitos se baseia em insights sobre o funcionamento do cérebro social, promovendo relações interpessoais saudáveis e um ambiente escolar positivo.

A pesquisa neurocientífica também ressalta a necessidade de um ambiente escolar acolhedor e seguro para o aprendizado e o bem-estar dos alunos. Estratégias baseadas nesses princípios, como o estabelecimento de relações positivas entre alunos e professores e a criação de espaços inclusivos de aprendizagem, são fundamentais para prevenir a indisciplina escolar e promover o desenvolvimento integral dos estudantes (SALLA, 2012).

A neurociência destaca a importância da intervenção precoce na mitigação dos efeitos negativos da indisciplina escolar. A identificação precoce de dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais ou comportamentais,

aliada a um suporte e intervenções adequados, contribui para evitar a escalada de comportamentos indisciplinados e promover o sucesso acadêmico e social dos alunos (SINDER, 1997).

A neurociência oferece uma base sólida para o desenvolvimento de estratégias preventivas eficazes para a indisciplina escolar. Ao integrar insights neurocientíficos em políticas e práticas educacionais, as escolas podem trabalhar de forma mais eficaz na prevenção da indisciplina e no apoio ao sucesso de todos os alunos.

Consequências da indisciplina no contexto escolar

Definida como sendo um problema multifatorial, ou seja, que possui várias causas, a indisciplina também produz várias consequências no processo educativo. Algumas, porém, produzem maiores impactos do que outras e, quando associadas, os danos ganham uma maior dimensão, trazendo implicações diretas para todos os sujeitos envolvidos no processo educativo.

De acordo com Oliveira e Soares (2019, p. 5), nos últimos anos, "*a indisciplina vem se tornando um desafio extremamente crescente [...], gerando no espaço escolar uma aprendizagem insatisfatória*", estressando professores e alunos e também transformando o ambiente escolar em um espaço desmotivante.

Para produzir uma aprendizagem significativa, a sala de aula precisa ser um espaço onde haja motivação. É necessário que nela o aluno sinta-se bem e deseje ali permanecer, envolvendo-se nas atividades desenvolvidas pelo professor, participando das discussões e apropriando-se do conhecimento que encontra-se sendo transmitido. Entretanto,

quando a indisciplina se desenvolve em sala de aula, o rendimento escolar passa a ser comprometido.

Abordando também os prejuízos causados pela indisciplina ao processo educativo, Santos e Lucena (2020, p. 28) destacam que:

> *[...] os professores que perdem muito tempo de sua aula tentando acomodar seus alunos, conseguindo a atenção desejada para explicar o conteúdo e realizar as atividades, implicado em sérios danos ao desenvolvimento de conteúdos e aprendizagens. Além do mais, quando um grupo de alunos não está colaborando, sem dúvida o restante da turma também acaba por sofrer com isso.*

As palavras de Santos e Lucena (2020) acima transcritas, revelam a dimensão dos impactos produzidos pela indisciplina no contexto escolar, principalmente, no processo educativo, no qual, a aprendizagem torna-se praticamente impossível, exigindo uma intervenção direta por parte do professor, objetivando a reconstrução do quadro de disciplina.

Na concepção de Oliveira e Soares (2019, p. 9):

> *[...] a indisciplina na sala de aula causa desperdício de tempo, desgaste dos professores por trabalharem em clima de desordem, pela perda do sentido e da eficácia e a diminuição da autoestima pessoal que leva sentimento de frustração, desânimo e ao desejo de abandono da profissão. Sendo assim, atos indisciplinares comprometem o estado emocional do professor, gerando sentimento de frustração e desânimo.*

Analisando a citação acima, constata-se que várias são as consequências negativas advindas da indisciplina no

contexto escolar. Tais impactos não se limitam apenas a atrapalhar o processo educativo. Ele também - e de forma direta - afetam a saúde mental do professor, que adoecido, se desmotiva, passando a apresentar um quadro de insatisfação docente, comumente associado ao estresse e outras patologias. E, vitimados por esses processos, muitos abandonam a profissão docente.

Nessa mesma linha de raciocínio, Souza; Carvalho e Silva (2019, p. 35) ressaltam que:

> *[...] a indisciplina é apontada frequentemente como a maior causa de aborrecimento e frustração, a principal causa de estresse dos professores, a principal fonte de preocupação, o principal dissipador de energia para a generalidade dos professores em início de carreira e um dos fatores de abandono prematuro da profissão.*

Diante disto, percebe-se que as implicações produzidas pela indisciplina no contexto escolar não se limitam apenas ao sujeito ativo. Elas também afetam outros sujeitos - denominados passivos - entre os quais se inclui o professor, que, conforme já citado, aborrecido e estressado, adoece e afasta-se da sala de aula, muitas vezes, afasta-se da docência, interrompendo toda uma vida profissional.

Esclarecem Oliveira e Soares (2019, p. 10) que *"gerir a indisciplina, também não é uma missão fácil, pois ela atinge instituições públicas e privadas, além de interferir na prática de diferentes agentes educacionais"*.

Pelo demonstrado, o enfrentamento da indisciplina no contexto é uma tarefa árdua, que exige um completo repensar.

Na realidade, não se trata apenas de um problema que deve ser enfrentado pelo professor dentro da sala de aula.

A indisciplina que se manifesta em sala de aula, contagia todo o processo educativo, ou melhor, toda a escola. Logo, para o seu enfrentamento, é necessária a ação integrada de todos que atuam ou que dão suporte ao processo educativo: professor(a), gestor(a) escolar, assistente, coordenador(a), supervisor(a), equipe de apoio, etc.

Justificando a necessidade de se enfrentar o problema da indisciplina no contexto escola, Santos e Lucena (2020, p. 28) destacam que:

> *As consequências que a indisciplina pode causar são diversas, e muito discutidas em todos os âmbitos educacionais, já que reflete no rendimento escolar individual e coletivo dos estudantes, principalmente para um país que vem buscando melhorias em seus níveis educacionais há curto prazo.*

No Brasil, lamentavelmente, a educação ainda não recebeu a atenção devida por parte dos governantes. Embora ela seja um direito garantido constitucionalmente, é promovida de forma simplória e sem qualidade.

Essa realidade - que em muitos casos é caracterizada pelo descaso por parte do poder público - também contribui para ampliar o problema da indisciplina no contexto escolar. Pois, sem apoio, a escola [quando pública] não tem condições de cumprir de forma completa a missão que lhe foi confiada. E, suas deficiências limitam a prática docente, desestimulando os alunos, que não dispõem de espaços físicos adequados ou de

equipamentos e de materiais pedagógicos para auxiliarem no processo de ensino-aprendizagem.

Assim sendo, se o Brasil busca em um curto espaço melhorar os níveis educacionais, conforme destacaram Santos e Lucena (2020), precisa investir mais e melhor na educação, dotando as escolas de condições para seu completo funcionamento, capacitando o professor e oferecendo melhores condições de trabalho, como também proporcionando mais segurança na localidade onde a escola está inserida, etc.

Em resumo, pode-se perceber que o enfrentamento da indisciplina escolar necessariamente é um trabalho que precisa se desenvolver em várias frentes. Pois, de nada adiantará se somente a escola fizer a sua parte. Isto porque várias causas da indisciplina são externas à escola.

Estratégias para o enfrentamento da indisciplina escolar

É desnecessário dizer que a indisciplina causa problemas ao processo educativo. É importante discutir e estabelecer formas e medidas para o enfrentamento desse grande problema. Assim, no âmbito escolar, torna-se primordial a definição de estratégias que possam contribuir para a redução da indisciplina, visto que essa traz inúmeras consequências negativas para o processo educativo.

Diante dessa realidade, a escola precisa repensar o seu papel e não somente discutir o referido problema, mas capacitar o seu docente para que esse possa enfrentar de forma eficiente e eficaz a indisciplina no contexto escolar.

Com essa iniciativa, segundo Santos e Lucena (2020), a escola enquanto instituição se aproximará mais de seus problemas e passará a dar apoio ao professor, o que é fundamental. Pois, em grande parte, já foi demonstrado neste livro.

Discutindo a necessidade que a escola possui em redefinir o seu papel e trabalhar melhor o perfil do professor, Souza e Carvalho (2019, p. 34-35) ressaltam que *"o*

enfrentamento da indisciplina no ambiente escolar deve ser encarado como um desafio para todos os envolvidos no processo educacional".

Pelo demonstrado, a escola precisa se unir para enfrentar a indisciplina que, porventura, se desenvolve em seu contexto. Quanto mais a escola discutir internamente o referido problema, mais se aproximará dos meios e das soluções capazes de reduzirem ou de superarem tal problema.

Outrossim, a escola precisa se aproximar da comunidade e firmar parcerias sólidas com as famílias de seus discentes, pois, sozinha ela não consegue superar a indisciplina.

Na opinião de Morais e Gimenes (2019, p. 157), é *"preciso um avanço pedagógico e institucional para resolver a situação existente nas escolas"*. Isto porque as causas da indisciplina também podem ser internas, *"incluindo situações de ensino-aprendizagem, os relacionamentos e os perfis dos alunos"*.

Assim, é essencial a definição de metodologias mais envolventes e eficientes para serem utilizadas em sala de aula, objetivando transformar esse espaço, tornando-o mais interativo e participativo, visto que a interação e a participação quebram a monotonia de qualquer aula, tornando-a alegre, divertida e produtiva.

De acordo com Pereira e Blum (2014, p. 751), muitas vezes, para conter a indisciplina no contexto escolar, o professor recorre às seguintes ações usuais:

> *[...] conversa em particular com o aluno; encaminhamento dos casos para a coordenação e/ou direção da escola; solicitação da presença dos pais para reclamar dos maus comportamentos dos seus filhos; expulsão da sala de aula;*

> *exclusão das atividades que estão sendo realizadas; tratamento de indiferença e desprezo; e ameaça de diminuição de pontos na avaliação bimestral.*

Quando se analisa as ações acima apresentadas e que frequentemente são utilizadas para o enfrentamento da indisciplina por parte do professor em sala de aula, percebe-se que tais ações contribuem mais para eternizarem o problema do que mesmo para resolvê-lo ou amenizá-lo. Quando se despreza um adolescente, pode-se transformar esse indivíduo em um ser humano revoltado e isso contribui para aumentar ainda mais o problema da indisciplina no contexto escolar.

As alternativas *'b'*, *'c'* e *'d'* acima apresentadas e citadas por Silva e Brum (2014), também não resolvem o problema. Pois, não se combate indisciplina com ameaças e exclusão. A expulsão da sala de aula do aluno pode tranquilizar o ambiente naquele momento, entretanto, não resolve o problema. É preciso identificar as causas do problema para que seja possível promover um melhor enfrentamento para esse.

Na opinião de Oliveira e Soares (2019, p. 10):

> *Para amenizar a indisciplina na escola, a equipe pedagógica através do Projeto Político Pedagógico, deve dar assistência aos estudantes, procurando os problemas. A escola deve criar possibilidades de debates com os atores da educação, ela deve conceber regras juntamente com os envolvidos, pois desta forma facilita o seu cumprimento.*

Pelo exposto, é fundamental que a escola planeje melhor as suas atividades e que possua os instrumentos

normativos para o enfrentamento da indisciplina em seus múltiplos contextos. Suas regras e normas devem ser do conhecimento de todos. Para tanto, a escola precisa dialogar com discentes e docentes, mostrando-lhes os limites por ela definidos e que devem ser observados por todos os seus integrantes.

Ainda na concepção de Oliveira e Soares (2019, p. 10), *"é importante destacar que a metodologia utilizada pelo professor deve encontrar-se com a realidade de cada aluno, pois, a maneira como o professor ensina é importante para não gerar a indisciplina"*.

Diante disso, percebe-se o quanto é importante o professor conhecer a realidade de seus alunos. Para que isso se torne mais fácil, é preciso que o professor - enquanto facilitador do processo de ensino aprendizagem - saiba estabelecer uma boa relação com o seu aluno, pois, esta relação - quando boa - proporciona múltiplos benefícios ao processo educativo.

De acordo com Jacobs (2018, p. 168), para evitar o desenvolvimento da indisciplina em sua sala de aula, *"o professor precisa estruturar seus conteúdos e suas tarefas acadêmicas como: sua metodologia, a gestão da comunicação, a planificação, o desenvolvimento curricular, a capacidade de motivar seus alunos e o exercício da avaliação"*.

Para bem desenvolver a sua prática pedagógica, o professor precisa trabalhar em sala conteúdos que tenham uma conexão com a realidade de seu aluno. Por outro lado, a análise das palavras de Jacobs (2018) acima transcritas possibilita o entendimento de que a ausência de uma proposta pedagógica contribui para a produção da indisciplina no

contexto escolar. Logo, uma proposta pedagógica pontual se constitui em uma excelente estratégia para o enfrentamento da indisciplina.

Uma postura formativa e não autoritária é fator que muito contribui para uma melhor condução do processo educativo por parte do professor. Dentro disso, essa postura é fundamental para a construção da relação professor-aluno. Por sua vez, o professor nunca pode ignorar a importância dessa relação e que é sua missão/função construí-la, pois dela também depende o sucesso do processo de ensino-aprendizagem.

Um estudo desenvolvido por Silva et al. (2021) junto a um grupo de professores da rede pública, recolheu, junto a esses participantes, as seguintes estratégias para o enfrentamento da indisciplina:

a) Ampliar o diálogo no contexto escolar;

b) Conquistar a confiança do aluno, tratando-o como um aliado;

c) Conversar com o aluno para conhecê-lo melhor e compreender o que motiva seu comportamento;

d) Desenvolver projetos visando uma melhor interação na escola;

e) Estabelecer uma melhor comunicação com os pais;

f) Promover palestras, reuniões mensais com os pais;

g) Trabalhar os valores éticos dentro da escola.

O processo se constrói através do diálogo. Assim, é muito importante que a escola contribua para essa construção, em todo o seu contexto, além de reconhecer qual o lugar do aluno no processo educativo, compreendendo-o melhor,

conquistando-o, orientando-o e motivando-o para o '*aprender*'. Não somente para aprender o conteúdo curricular, mas também para aprender o necessário para a vida em sociedade.

O papel da família no enfrentamento da indisciplina escolar

A indisciplina não é um problema exclusivamente da escola, porque ela atinge o aluno e também porque muitas de suas causas podem ter origens externas, inclusive, na própria família. Para tanto, é de suma importância que exista uma maior aproximação da escola à família do discente.

Dissertando sobre a necessidade de se promover o enfrentamento da indisciplina no contexto escolar, Feliciano (2020, p. 11) ressalta que, nesse sentido:

> *A relação família e escola devem andar juntas, visto que uma depende da outra, trabalhando unidas será mais fácil construir soluções que possam contribuir para amenizar ou resolver o problema da indisciplina, não esquecendo que o aluno precisa ser prioridade de todos.*

Embora possuam funções diferentes, a escola e a família necessitam estar aliadas, visando proporcionar as condições necessárias para que o processo educativo direcionado ao discente possa produzir resultados positivos. É importante ressaltar, que essa parceria se faz necessária, principalmente, para identificar as origens dos atos

indisciplinados produzidos pelos alunos no contexto escolar. Assim, quando se constata que a indisciplina apresentada pelo aluno não possui origem na escola e nem no seu contexto familiar, fica mais fácil traçar melhores estratégias para o enfrentamento desse problema.

De acordo com Xavier e Cotrin (2018, p. 29):

> *[...] o comportamento da criança depende das relações e circunstâncias que esta vivência nas relações familiares e fora delas, como na escola. Assim, a família influencia significativamente o comportamento da criança na escola, mas não o determina.*

Pelo demonstrado, a família é a base da vida da criança enquanto pessoa; dela e a convivência que a criança tem com todos os seus familiares. A partir disso, pode-se compreender melhor os comportamentos futuros apresentados por essa criança. Pois, a família influencia muita coisa na vida de qualquer criança, como também traz implicações a falta ou a ausência dessa mesma família.

Abordando as diferentes intervenções que podem ser colocadas em prática visando o enfrentamento do problema indisciplina no contexto escolar e comentando a importância da parceria família-escola, Santos (2016, p. 11), ressalta que:

> *Cabe aos pais dedicar mais tempo aos estudos dos filhos com um olhar mais atento para a escola, os deveres, as provas, as notas ou quaisquer atividades e ocorrências diretamente ligadas ao desenvolvimento educacional dos filhos. À escola cabe identificar os maiores e mais repetitivos problemas de indisciplina e por meio de uma equipe multidisciplinar buscar meios para combater esse mal, evitar novas*

> *ocorrências e resgatar uma autoridade saudável perante seus alunos.*

Analisando as palavras acima transcritas, constata-se que a família necessita estar presente na escola, sempre e não somente quando convocada para participar de uma reunião. A família necessita estar presente na escola, acompanhando pontualmente o processo de ensino aprendizagem dos discentes e também contribuindo para o enfrentamento do problema da indisciplina escolar.

Ainda na concepção de Xavier e Cotrin (2018, p. 29), "*a parceria família-escola é importante para o processo de escolarização da criança. Os pais devem ter responsabilidades nesse processo e são importantes parceiros na busca de soluções para os problemas enfrentados no cotidiano escolar*".

Pelo demonstrado, quando os pais são verdadeiros parceiros da escola, essa passa a ter melhores condições de enfrentar os problemas indisciplinares que surgem em seu contexto. O que não se pode deixar de destacar é o fato de que a família é o primeiro contexto de socialização da criança. Nela, a criança mantém contato com vários aspectos e eles influenciam o comportamento da criança na escola.

De forma complementar, Gomes et al. (2022, p. 8) frisam que:

> *O acompanhamento das famílias no processo educacional também é de extrema importância, pois, desencadeia uma série de contribuições na realização dos trabalhos escolares, alargando as possibilidades de se trabalhar e lidar com a indisciplina dos alunos, melhorando cada vez mais o*

crescimento pessoal dos alunos e o trabalho profissional dos professores e de toda a equipe escolar.

É importante notar que a presença da família na escola, é algo que traz diferenciadas contribuições, que não se limitam apenas ao simples acompanhamento das atividades escolares. Essa presença também contribui para a redução do problema da indisciplina no contexto escolar, evitando que essa produza impactos negativos à aprendizagem do discente.

Violência e indisciplina em ambiente escolar

De acordo com o Estatuto da Criança e do Adolescente - um guia para jornalistas (BRASIL, 2009, p. 84), as formas mais comuns de violência contra a criança e o adolescente são as seguintes:

- violência psicológica: envolve a rejeição por parte dos pais e responsáveis, formas diversas de discriminação, desrespeito e punições exacerbadas são alguns dos exemplos;
- negligência: conduta criminosa é o ato de omissão do responsável pelo adolescente em prover suas necessidades básicas para seu desenvolvimento;
- violência sexual: trata-se também de conduta criminosa, punida com pena de prisão, mas infelizmente bastante comum. Constitui-se no abuso de poder por parte do adulto, onde o adulto usa o adolescente para satisfazer suas necessidades sexuais, induzindo ou forçando a prática de atividades sexuais variadas, com ou sem o uso da força;
- *bullying*: manifestado através de atitudes agressivas e repetitivas, praticadas de forma intencional, sem motivação evidente;

- castigo físico, utilizando-se de formas de tratamento cruéis e degradantes, com condutas que humilhem, ameace de forma grave ou ridicularize o adolescente;
- violência institucional: aquela que ocorre dentro das instituições de acolhimento, unidades socioeducativas e demais instituições que prestam serviços, e se caracteriza pelo atendimento de má qualidade, sendo que pode chegar até à tortura e agressões físicas;

O vocábulo "*limite*" tem sido muito debatido e explorado na sociedade atual, mas sua aplicação normalmente ressurge em tom de queixa no sentido de que *"essas pessoas precisam de limites"* e há tendência ao uso do autoritarismo.

É comum haver críticas de vizinhos ou de professores com relação aos pais que não conseguem impor limites aos seus filhos. Quando um educando tenta lembrar as memórias do tempo estudantil, fatalmente vai visualizar vários tipos de acontecimentos com relação aos professores, tanto bons, quanto desagradáveis. Isso faz parte do contexto de cada um. Esse processo passa por todos os níveis da educação desde o maternal até a educação superior.

Indisciplina e violência estão inter-relacionadas no ambiente escolar e é muito difícil elencar suas causas e encontrar meios efetivos para sua prevenção e extinção.

A agressividade na criança em fase pré-escolar, muitas vezes, aparece por fatores como desejo ou possessão de um espaço ou brinquedo ou mesmo na busca pela atenção de um adulto. Isso ocorre pelo fato dela apresentar características egocêntricas e ainda não possuir consciência clara das regras sociais impostas pelo ambiente. Com a entrada na escola de

educação infantil, a criança passa a viver em dois microssistemas (família e escola).

Existem alguns fatores que podem desencadear a manifestação de comportamentos agressivos no ambiente escolar, que são: fatores internos que dizem respeito ao clima escolar, relações interpessoais e características individuais e fatores externos que englobam o contexto social, meios de comunicação e família. Há uma forte tendência em atribuir à família e às características pessoais a maior influência sobre esta forma de comportamento e de não se dar o devido valor às questões da própria estrutura escolar como desencadeadoras da agressividade da criança.

Os comportamentos agressivos das pessoas devem ser identificados pelos professores e tratados de forma adequada, pois se observa comumente que castigos e ameaças verbais podem ser percebidos pelas pessoas não como uma punição, mas como forma de receber atenção dos pais e professores por seus comportamentos agressivos inadequados. Sendo que, nesses casos, as ações tomadas não são punitivas, mas sim reforçadoras (DUQUE, 2009).

Conflito em âmbito escolar

O vocábulo conflito pode ser definido de muitas maneiras e, em sua plenitude, é ligado à falta de entendimento, choque, etc... sempre com sentido negativo de comportamento. No entanto, o conflito faz parte das relações pessoais desde a infância (NUNES, 2011, p. 16).

> *Os resultados indicaram críticas contundentes dos estudantes sobre a infraestrutura física da escola, bem como apontaram conteúdos pedagógicos descontextualizados, práticas descontinuadas e relacionamentos interpessoais conturbados, sobretudo com professores. Sumariamente, este estudo indicou que a percepção negativa dos estudantes quanto à estrutura da escola pode estar associada com a produção da indisciplina (Neves Filho et al., 2023).*

Silva Neto e Silva (2023) apresentam resultados de um estudo etnográfico sobre a indisciplina em sala de aula, no qual foi analisada a concomitância observada entre a conduta disciplinar dos alunos e suas chances de reprovação. Analisou-se essa ocorrência sob uma perspectiva que combina variáveis sociológicas clássicas, como sexo/gênero, classe social e cor/raça dos alunos, com outras mais específicas do contexto escolar, como o ambiente disciplinar e a relação professor-aluno.

Os resultados mostram diferenças significativas nas formas de indisciplina praticadas por meninos e meninas, além de revelar que o comportamento mais desafiador dos alunos do sexo masculino afeta profundamente a relação professor-aluno, a ponto de afetar a trajetória escolar de alguns deles, até mesmo no caso de alunos que conseguem conciliar a indisciplina com um bom desempenho nos estudos (SILVA NETO; SILVA, 2023).

A indisciplina no ambiente escolar é vista como desrespeito ao outro e por isso, adentra o campo da moral (regras sociais advindas das instituições: família, escola, sociedade).

De acordo com Benczik (2002), ao defrontar com a indisciplina escolar, muitas são as causas que são levantadas pelos professores, tais como: culpa dos pais que não educam nem corrigem as pessoas; culpa da legislação educacional pelo liberalismo; realçar a relevância de antigamente quando a legislação dura punia a indisciplina com rigor e até atribui-se a culpa à liberalidade do Estatuto da Criança e do Adolescente.

Não há consenso sobre as causas da indisciplina. No entanto, sabe-se que são multivariadas, mas não se consegue elencá-las com objetividade. A falta de motivação está bastante interligada à indisciplina como enumera Nunes (2011, p. 24):

> *Outro grande desafio dos educadores é trabalhar a motivação dos alunos, tarefa bem difícil nos dias atuais, embora não impossível, que exige muita sensibilidade e empenho. Além disso, é importante que o aluno seja o protagonista e partícipe das atividades escolares mais intensamente. O estudante precisa saber que o que ele faz é*

> *valorizado pela escola e pelos professores, isso é necessário para a melhoria de sua autoestima e para o senso de pertencimento. Portanto, tirando os casos mais difíceis, trabalhar com a autoestima da criança e do adolescente será um grande passo para o sucesso no combate à indisciplina.*

O educador deve respeitar a realidade do educando, conforme os saberes já adquiridos e propiciar a integração entre o conteúdo e os saberes dos alunos, tornando mais concretos e palpáveis o aprendizado e a construção do conhecimento. É preciso conceber a criticidade como curiosidade epistemológica, sem a qual não é possível obter uma aprendizagem construída e apreendida, portanto, ela se faz necessária para despertar o desejo de conhecer mais e mais.

Segundo Freire (1996, p. 96), estimular a reflexão, através de atividades com questões discursivas, promovendo uma educação transformadora:

> *A dialogicidade não nega a validade de momentos explicativos, narrativos em que o professor expõe o objeto ou fala dele. O fundamental é que o professor e alunos saibam que a postura deles, do professor e dos alunos, é dialógica, aberta, curiosa, indagadora e não apassiva, enquanto fala ou enquanto escuta. O que importa é que professor e alunos se assumam epistemologicamente curiosos.*

O *bullying* é mais comum no ambiente escolar entre os próprios pares, mas ele pode extrapolar o ambiente escolar, manifestando-se, inclusive, pelas redes sociais disponibilizadas pela internet ao que denominamos *bullying* virtual ou *cyberbullying*.

Tipos de bullying

O *bullying* é por natureza a manifestação da intolerância, dos preconceitos e da violência entre pares, principalmente entre adolescentes, de forma gratuita por algum traço de personalidade, aspeto físico que a vítima apresente que o diferencie dos demais. Nesta relação, destacam-se as diferenças entre as forças físicas, emocionais ou sociais entre o(s) agressor(es) e a vítima, que torna-se impotente frente às manifestações do *bullying* (LISBOA, 2006).

A incidência de *bullying* entre crianças e adolescentes em fase escolar demonstra que a prevenção do *bullying*, juntamente, com o combate dessas manifestações tornou-se um problema de saúde pública devido às consequências drásticas tanto emocionais quanto físicas nas vítimas. O autor pretende alertar os médicos pediatras para a ocorrência do *bullying* para que esses profissionais da saúde possam atuar diretamente na minimização da incidência dessas agressões entre os estudantes.

As práticas restaurativas agem na prevenção e também no combate por meio da interdisciplinaridade com dinâmicas aos pares ou em grupos; incluem também reuniões restaurativas com os envolvidos e com os pais ou responsáveis.

Numa reunião restaurativa, a pessoa que pratica o *bullying* terá uma experiência muito forte e desconfortável ao

ouvir os relatos da vítima e de seus pais sobre os seus atos, passando a ter, ao final do encontro, uma forte sensação de remorso e de vergonha, a partir daí, o que a vítima precisará é que o ofensor pare com as ofensas, chegando a um acordo nesse sentido. A reunião ajudará a todos os envolvidos (NUNES, 2011, p. 29).

É muito difícil para os professores interpretar ou lidar com a indisciplina e por outro lado, também é complexo determinar a linha limítrofe entre indisciplina e violência. No início do século perguntava-se porque as pessoas obedeciam e, atualmente, seria mais adequado perguntar por que elas desobedecem (PARRAT-DAYAN, 2008).

O docente não consegue lidar com todos esses problemas e, muitas vezes, adoece devido à humilhação, à impotência perante a indisciplina, que, no fundo, é a manifestação de um conflito que está disseminada por toda a vida escolar. Faltam parâmetros até para definir indisciplina e padronizar comportamentos indisciplinados. O barulho é anômico, porque em meio ao barulho, os alunos não se ouvem nem se entendem e a voz do professor se perde em meio a essa balbúrdia. Caso não consiga silêncio, a aula está fadada ao fracasso (SOUZA; CASTRO, 2008).

A disciplina é necessária para organizar os locais e os pensamentos; por meio dela, adentra-se o terreno da responsabilidade onde ações têm consequências. A indisciplina tem causas variadas e advém do contexto, principalmente e não do indivíduo. A violência vivenciada na escola é apenas reflexo do que está fora da escola, tanto a nível micro – na

família ou a nível macro – da sociedade (corrupção, impunidade, desemprego, insegurança...) (LIMA, 2012).

A agressividade na criança em fase pré-escolar muitas vezes aparece por fatores como desejo ou possessão de um espaço ou brinquedo ou mesmo na busca pela atenção de um adulto. Isso ocorre pelo fato dela apresentar características egocêntricas e ainda não possuir consciência clara das regras sociais impostas pelo ambiente. Com a entrada na escola de educação infantil, a criança passa a viver em dois microssistemas (família e escola) (GOMES et al., 2007).

É importante realçar que a disciplina não é algo negativo, porque, vejamos, a indisciplina se expressa em atitudes tais como, ausentar-se da aula, não portar os materiais necessários, negligenciar a aprendizagem, deixar de fazer as tarefas. Além disso, há alunos que interrompem o professor, ficam em pé, gritam, ofendem colegas e professores (KAIPPERT; DEPOLI; MUSSEL, 2002).

Apesar de não serem sinônimos, indisciplina e violência, regularmente estão juntas. Por vezes, o problema da indisciplina chega ao consultório de psicologia, mas remédios ou sessões não curam indisciplina.

As regras de conduta ou normas morais são necessárias para evitar o caos na sociedade. Se todos fizessem o que manda o instinto, sem regras, a sociedade seria um caos. A moralidade possibilita o bom relacionamento de uma criança com as outras: a criança nem é puramente altruísta nem puramente egoísta. Enquanto Durkheim argumentava que História e instrução cívica seriam suficientes para incutir valores nas pessoas, Piaget discorda de tal postura, porque não

há não existe apenas um tipo de autoridade nem apenas um tipo de regra (PARRAT-DAYAN, 2008).

O lúdico na educação é um tema bastante explorado, mas sua utilização na prática ainda fica aquém do ideal. Pensadores como Piaget e Vygotsky defenderam sua utilização desde a mais tenra infância de modo a propiciar um desenvolvimento cognitivo e uma apreensão da cultura e do conhecimento de modo espontâneo e motivador.

Piaget (1983) observou e conviveu com crianças em distintas idades para organizar sua teoria dos jogos ou ainda, as regras por trás dos jogos. Os psicólogos contemporâneos se ocuparam em estudar os jogos e explicam-no sob dois aspectos fundamentais: "*estrutura*" e "*conteúdo*". Na estrutura, o jogo é analisado a partir da evolução das estruturas mentais; os conteúdos são analisados a partir do desenvolvimento da humanidade.

As estruturas mentais são atividades realizadas pelas pessoas e nem todas as atividades podem ser consideradas como jogo, pois algumas dessas atividades têm apenas uma representação simbólica. O jogo tem a existência de regras, que devem ser seguidas e cumpridas, fazendo com que as atividades que têm regras deixem de ser um simples brincar, tornando-se jogos de competição, cooperação, liderança, garra e coragem (CANDREVA, 2009).

As atividades realizadas pelas pessoas são consideradas como exercício muito importante, pois, com esses exercícios a criança terá a realização e afirmação do seu "eu", sendo um processo fundamental para o desenvolvimento e aprendizagem e para a cooperação.

Analisando o conteúdo do jogo, Piaget retrata as motivações intrapsíquicas da criança, ou seja, é através do jogo que as pessoas liberam os conflitos, eliminando-os dentro de si, absorvendo a paz interior que aquele momento traz, tornando-se uma troca de sentimentos e emoções. É possível também, perceber que cultura as pessoas trazem, pois é através das atividades lúdicas que elas retratam sua cultura e se tornam parte de um grupo (SILVA; SANTOS, 2009).

Sigmund Freud (1856-1939), considerado o pai da Psicanálise era médico nascido em Viena que ousou tomar os "*processos misteriosos*" do psiquismo envolto em sombras obscuras, fantasias, sonhos, a mais profunda interioridade humana como objeto de estudo. A organização e a sistematização desse objeto de estudo e o desenvolvimento de métodos gerou a Psicanálise.

As funções psicológicas superiores (Capacidade de Planejamento, Memória Voluntária e Imaginação) são mecanismos com intenção e controle, cujo desenvolvimento dá-se no decorrer do processo de internalização cultural e comportamental, do mesmo modo que se processam as funções psicológicas elementares ligadas aos reflexos, instintos e associações simples de origem genética (CABALLO; SIMÓN, 2007).

Alegria e prazer de estudar

É comum hoje, os professores encontrarem salas repletas de alunos barulhentos, inquietos, sem interesse, aparentemente infelizes, olhos vazios e cheios de mau humor estampado nas faces.

As causas são variadas, mas as sociais são realçadas para explicar tais comportamentos; tais causas sociais são decorrentes da falta de perspectiva de trabalho e carência de ideais sociais – não há interesse em se tornar adulto.

A infância é transitória a caminho do estado adulto, ou seja, é um incessante superar limites preparando-se à fase adulta e pelo fato do homem ser um ente social, a escola tem papel preponderante do crescimento Com relação aos limites, tem-se que a excelência é a busca de superar-se e se tornar melhor.

> *Ao procurar adequar o ensino aos interesses dos alunos, buscam o impulso motivacional que ajuda a fazer projetos e crescer; ao procurar uma aprendizagem significativa, respeitam a inteligência da criança e a ajudam na paulatina construção do conhecimento (LA TAILLE, 2010, p. 33).*

La Taille argumenta que os que rodeiam as crianças tendem a mantê-las infantilizadas, porque confundem a

aprendizagem significativa com infantilização, desfigurando conteúdos; não se promove a construção do saber, mas se reforça o egocentrismo e restringem-se os horizontes dos alunos.

A educação antigamente distinguia os alunos entre obedientes e desobedientes e, atualmente, entre alunos motivados e desmotivados.

La Taille demonstra que há duas interpretações à metáfora "*limites*" – o primeiro é o desenvolvimento natural onde a criança incessantemente transpõe seus próprios limites rumo à fase adulta, mas esta segunda interpretação coloca "*limites*" como fronteiras que não podem ser transpostas. "*Na verdade, são as duas faces de uma mesma moeda: frequentemente, é a mesma pessoa que não transpõe os limites a serem superados e que atravessa aqueles a serem respeitados*" (LA TAILLE, 2010, p. 51).

Nesta segunda interpretação nos advém o assunto da liberdade e, juntamente com ela, as normas impostas pela sociedade por convenção e que impõem às crianças um universo de normas onde ocorrem atritos. "*Portanto, os limites físicos colocam a dimensão do impossível, os limites normativos colocam a dimensão do proibido. Restringem a liberdade em nome de valores. E são, muitas vezes, vividos de forma penosa*" (LA TAILLE, 2010, p. 52).

As artes escapam aos limites e normatizações e são a expressão livre e criativa: a música, a poesia, a dança, a pintura transpõem os limites impostos e, neste sentido, podem ser tidas como transgressoras no bom sentido. "*Portanto, criar, essa atividade claramente associada ao exercício da liberdade, pede que se tranponham limites, mas também que outros seja criteriosamente*

respeitados" (a música tem a harmonia e métodos para ser ensinada); ensinar é despertar a criatividade, mas, ao mesmo tempo, estipular regras que devem ser seguidas. (LA TAILLE, 2010, p. 60).

A boa vida é feita de determinados limites, porque o desregramento não conduz a bom termo. "*Se isso for verdade, cabe à educação ajudar as crianças a construir e valorizar tais limites*" (LA TAILLE, 2010, p. 61).

O desenvolvimento intelectual envolve também corpo e emoções; crianças entre 6 e 9 anos mostram que suas ideias são lineares e misturadas, momento em que ocorre um conflito permanente entre dois mundos - o interior, povoado de sonhos e fantasias, e o real, cheio de símbolos, códigos e valores sociais e culturais, portanto o desenvolvimento da inteligência depende essencialmente de como cada uma faz as diferenciações com a realidade exterior.

Essas mudanças estruturais na sociedade, que afetam o sistema educacional, têm despertado a atenção dos especialistas; há constantemente uma expansão da literatura sobre essas questões e o incremento da produção teórica desse campo de estudos, com o intuito de realizar reflexões e análises sobre a estruturação do sistema educacional brasileiro, realçando as contribuições que as reformas educacionais e as reformas do Estado têm provocado.

A escola é um espaço social instituído nas diferenças, onde deveriam ser ensinados conteúdos que viabilizassem respostas às necessidades práticas da vida e onde, principalmente, se buscasse uma formação humana plena. Assim, a preparação para a vida propõe situações variadas e

abrangentes, para isso deve contemplar variadas dimensões, incluindo a ética, a política, a social para permitir o desenvolvimento material e espiritual do indivíduo e da sociedade.

O processo educativo é inevitável, ocorrendo em diversos ambientes, como o familiar, o grupal, o social e o econômico. Com o avanço da tecnologia, a evolução do mercado de trabalho e a rapidez na disseminação das informações através dos meios de comunicação, torna-se crucial que os alunos universitários estejam atualizados neste mundo pós-moderno.

Nesse contexto, a pesquisa desempenha um papel fundamental, e os cursos de ensino superior devem considerar o repertório acumulado pelo estudante ao longo de sua vida, incluindo saberes adquiridos através de experiências pessoais, formação escolar prévia e educação profissional. É essencial que estes conhecimentos sejam organizados de maneira a construir uma base sólida de conhecimento, com reflexão sobre práticas e teorias didático-pedagógicas, visando proporcionar uma formação crítica e eficaz.

> *O educador não pode mais, simplesmente, transmitir o conhecimento; ele também deve saber o que fazer para ajudar as crianças na construção, por elas próprias, de seus conhecimentos. Enfim, existe uma forte indicação para que o educador desenvolva atividades multidisciplinares e que trabalho em equipe com seus alunos (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 107).*

É evidente que a prática da pesquisa deve estar enraizada na realidade social e no contexto histórico atual.

Além disso, o professor deve considerar cuidadosamente como transpor esses conhecimentos para a realidade social e científica da sociedade. O século XXI trouxe consigo um novo paradigma caracterizado pela dinamicidade das mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais, que impactam todos os aspectos da sociedade, especialmente a educação, incluindo o que ensinar e como formar os professores para lidar com uma realidade complexa e em constante evolução.

A prática pedagógica não pode se limitar apenas à teoria; é essencial incorporar a vivência social. A sala de aula deve ser um ambiente de cientificidade, facilitando a transição dos conhecimentos ingênuos para os científicos por meio da pesquisa orientada pelo professor, onde o aluno desempenha um papel ativo na construção do conhecimento.

Os educadores precisam adotar uma postura crítica e ética em relação ao seu papel na vida dos alunos. É fundamental que os professores possuam competência científica e um genuíno envolvimento com o trabalho, a fim de formar estudantes críticos, capazes de pensarem por si mesmos e construírem conhecimento de forma autônoma.

> *Para praticar uma pedagogia diferenciada que responda às necessidades específicas de cada aluno, o educador não apenas deve dominar os conteúdos de ensino (saberes ligados às disciplinas que leciona), mas também deve ser capaz de "saber ensinar". Essa concepção do educador como especialista da aprendizagem caminha junto com a sua valorização da identidade que vai além dos conhecimentos ligados às suas próprias disciplinas, já que esse educador não deve apenas ensinar mas, também, deve ensinar a aprender (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 107).*

Verifica-se que a pesquisa na formação pedagógica é importante e necessária para poder atender a realidade atual e também para uma análise do seu crescimento se está compatível ou não com as exigências de uma sociedade em constante mudança.

Sabe-se que é através da aprendizagem que se desenvolvem as habilidades, apreciações, raciocínios, o desenvolvimento do desejo, das atitudes e dos valores de um homem. A superação de problemas da aprendizagem deve respeitar o desenvolvimento humano.

A distância entre o nível de desenvolvimento real e o nível de desenvolvimento potencial e denominado zona de desenvolvimento proximal. Ou seja, zona de desenvolvimento proximal é o tempo, trabalho necessário para que o aprendizado natural que a criança possui sobre um determinado objeto e possa chegar a um conhecimento maior sobre tal, com a ajuda de um adulto. Pois, aprendizagem é uma modificação na disposição ou na capacidade da criança promovendo uma alteração em seu comportamento em comparação ao comportamento anterior à identificação do problema de aprendizagem.

A aprendizagem é encarada como o estabelecimento de associações simples ou respostas condicionadas, sendo os atos humanos mais complexos considerados cadeias de resposta condicionadas.

O professor deve ser um dos maiores conhecedores do processo de aprendizagem e na escola irá pesquisar e conhecer os princípios empregados pela instituição, interagindo com diretores, coordenadores pedagógicos, outros

professores e outros profissionais que ali atuam para a construção do saber do aluno. Mas, não menos importante, deverá conhecer os anseios e desejos do aluno e sua família.

O senso crítico é algo que vai se formando desde o período escolar do futuro professor que durante a graduação deve ampliar sua visão de mundo para enxergar as necessidades dos alunos e do seu papel no seio da comunidade escolar para possibilitar boas perspectivas de vida aos seus formandos.

A ação reflexiva transforma o docente em um agente de transformação social, porque faz de sua vivência pedagógica uma ferramenta que põe em prática o conhecimento e repensa constantemente a própria prática de modo a repensar os saberes existentes e realizar uma avaliação das condições de sua atuação docente frente aos desafios que tal profissão oferece.

> *O educador deverá, como profissional, reunir um conjunto de competências que o levem a elaborar conceitos e aplicá-los. O novo profissional deverá saber identificar um problema, apresentá-lo e encontrar uma solução. Esse modelo implica uma capacidade dinâmica para evoluir em função de situações e de contextos de ensino e, por isso, exige uma formação prolongada (PARRAT-DAYAN, 2008, p. 113).*

A importância do papel do professor para o processo de ensino/aprendizagem faz com que ele necessite de uma formação continuada que o capacite, qualifique, aperfeiçoe e, principalmente, imprima uma práxis pedagógica: a teoria e a prática participam de um processo dialético por meio do qual,

o professor reelabora continuamente suas práticas docentes. As dificuldades cotidianas impõem obstáculos à práxis docente, requerendo do docente um contínuo desafio de superação dos obstáculos e muita perseverança em seus princípios, pois a base de sua prática é a sala de aula.

O livro de La Taille (2010) dividido em três grandes temas: Transpor limites: maturidade e excelência; Respeitar limites: o permitido e o proibido; Impor Limites: intimidade e segredo. O psicólogo francês, Yes de La Taille argumenta que os conteúdos estudados no âmbito de um laboratório encontram eco na sociedade e sua profissão e experiência podem ser passadas a professores e pais.

O vocábulo "*limite*" tem sido muito debatido e explorado na sociedade atual, mas sua aplicação normalmente ressurge em tom de queixa no sentido de que *"essas crianças precisam de limites"* e há tendência ao uso do autoritarismo.

É comum haver críticas de vizinhos ou de professores com relação aos pais que não conseguem impor limites aos seus filhos. *"Passamos toda a infância procurando esquecer a criança que éramos na véspera. O crescimento é isto. E a criança não deseja nada além do que não ser mais criança"* (LA TAILLE, 2010, p. 13). Trata-se da negação extremada *"do ser criança"* como reflexo de uma sociedade que critica atitudes de criança e as crianças em geral.

Na frase citada está o caráter de "*passageiro*", de ultrapassável do período em que se é criança e, em linguagem da psicologia, desenvolvimento. A criança está em constante desenvolvimento e, normalmente, buscando superar a fase em que se encontra. *"Essa é a mola afetiva do desenvolvimento: ampliar*

os horizontes, ter êxito no que era antes impossível, compreender coisas antes inexistentes ou misteriosas, impor a própria individualidade, numa palavra, transpor limites" (LA TAILLE, 2010, p. 14).

Piaget é lembrado por sua teoria de que o desenvolvimento não é mera maturação biológica, mas uma constante interação da criança com o mundo do qual assimila e, ao mesmo tempo, constrói a complexidade das estruturas.

O desenvolvimento e aprendizagem mantêm entre si uma interação, que dá-se em contexto cultural, com aparato biológico básico, ou seja, de acordo com o desenvolvimento orgânico e cognitivo da criança que interage por meio de mecanismos de aprendizagem participativos com seus interlocutores.

O processo de formação do sujeito psicológico estende-se até a idade adulta, mas começa antes mesmo da criança falar, pois já é capaz de entender as histórias contadas pelos adultos e o contato com relatos cotidianos ou histórias fictícias, possibilita a ela adquirir um repertório de imagens, nomes e roteiros de ações que utilizará quando puder falar.

Tomando o adulto como modelo da forma de se comunicar e inserida numa cultura específica vai compreendendo os usos e o funcionamento da linguagem. Assim, quando amadurece fisiologicamente e adquire a faculdade de falar, passa a narrar um encadeamento de ações que se desenrolam no tempo e, para tanto, vai acessar todos os repertórios acumulados desde os primeiros meses de vida.

A educação tem por função propiciar a maturação da criança, no entanto, é comum agir contrariamente, ou seja,

mantendo-a infantilizada, sem deixá-la navegar e alcançar ondas maiores a cada vez. Neste sentido, é interessante a crítica relatada pelo autor: "*Às vezes, aproximamos a cultura da criança ao invés de aproximar a criança da cultura*" (LA TAILLE, 2010, p. 15).

Assim, quando a criança nota que a professora gosta dela, e que a professora apresenta certas qualidades como paciência, dedicação, vontade de ajudar e atitude democrática, a aprendizagem torna-se mais facilitada; ao perceber os gostos da criança, o professor deve aproveitar ao máximo suas aptidões e estimulá-la para o ensino.

Ao contrário, o autoritarismo, inimizade e desinteresse podem levar o aluno a perder a motivação e o interesse por aprender, já que estes sentimentos são consequentes da antipatia por parte dos alunos, que por fim associarão o professor à disciplina, e reagirão negativamente a ambos.

A chamada perspectiva sóciointeracionista, sociocultural ou sócio-histórica, abordada por L. Vygotsky, a relação entre o desenvolvimento e a aprendizagem está atrelada ao fato de o ser humano viver em meio social, sendo este a alavanca para estes dois processos. Isso quer dizer que os processos caminham juntos, ainda que não em paralelo.

> *[...] não foram as queixas em relação ao tédio, que mais pesaram na procura da motivação dos alunos, mas aquelas relacionadas a questões da própria aprendizagem: a falta de motivação não seria apenas causa de desprazer, mas também e sobretudo um sério obstáculo à aprendizagem ou,*

> *pelo menos, causa da aprendizagem falha (LA TAILLE, 2010, p. 18).*

Mas o seu trabalho é significativamente mais abrangente, ao tratar a inteligência e a afetividade de igual modo, integrando-os às características sociais em que o homem se insere; traça uma síntese do corpo e mente, ser biológico e o ser social, membro da espécie humana e participante de um processo histórico.

A história da humanidade legou às classes, a educação condizente com seu padrão econômico. Pensemos, por exemplo, nas sociedades escravistas antigas: Em Atenas, no século V a.C., apenas os cidadãos (homens livres tinham acesso ao ensino), enquanto aos escravos (povos vencidos nas guerras) eram reservados apenas os trabalhos do campo, das casas e palácios, das embarcações.

Durante a Idade Média, a educação passou por uma ligeira revolução, deixando de ser exclusivamente eclesiástica, ou seja, circunscrita aos membros do clero para abrir-se, parcialmente aos leigos, à volta do século XII, com o movimento da Escolástica. A Igreja Católica inaugurou as escolas das catedrais ou episcopais frequentadas pelos filhos dos aristocratas – senhores feudais, nobres e jovens monarcas – que tinham se alfabetizavam e recebiam formação geral de conotação religiosa.

A sociedade tem passado por significativas mudanças na época contemporânea, provocadas por fatores diversos, que constituem e por outro lado, são constituintes de uma nova sociabilidade. Neste contexto, há uma interligação de fatores que possibilitam a transição de uma sociedade estruturada na

área rural para a concentração na área urbana, com *modus vivendi* característico, incluindo aspetos sociais, econômicos e culturais específicos, no centro do qual podemos destacar a educação.

Os conflitos nem sempre são prejudiciais ao desenvolvimento humano, porque, por exemplo, na escola há conflitos em jogos, brincadeiras, esportes que contribuem para o amadurecimento das crianças, mas por outro lado, há os que evoluem para a agressividade, indisciplina, dilapidação do patrimônio, preconceito e discriminação.

> *Entretanto, até mesmo quando os conflitos tomam rumos indesejáveis, eles podem refletir aspectos positivos e são excelentes oportunidades de aprendizagem e de crescimento individual e coletivo; desde que devidamente bem compreendidos, elaborados e resolvidos, possibilitam uma melhoria na qualidade dos relacionamentos pessoais e sociais (NUNES, 2011, p. 17).*

A escola é um ambiente propício para demonstrar que mediante conflitos que sempre vão existir são importantes o diálogo e o autocontrole à semelhança do que se passa no âmbito de uma disputa esportiva. É importante exercitar a arte do diálogo que visa chegar a um acordo, normalmente pela mediação de uma terceira pessoa. A boa ou a má administração de situações de conflitos é que vão convergir ou não para a violência.

> *Um conflito mal gerenciado pode resultar em violência quando leva a: Produção de preconceitos, discriminação e exclusão do outro; Agressões físicas contra outro; Produção*

> *de danos morais no outro; Uso da força de modo ilegal; Destruição do outro como pessoa, como cidadão; Negação dos direitos de cidadania do outro; intenção de destruição, de coação e negação do outro; Processos de exclusão (NUNES, 2011, p. 21).*

Para uma cultura de paz e de conciliação, a primeira coisa a fazer é o reconhecimento do conflito, a esses procedimentos, dá-se o nome de prática restaurativa. A escola como instituição deve propiciar ambiente para a discussão de princípios que conduzem à conscientização e à autorreflexão crítica.

A autoestima pode ser afetada por diversas razões de cunho cognitivo, psíquico, emocional, étnico, de gênero, de *status,* de padrão financeiro. A pessoa equilibrada e consciente de sua importância no mundo tem sua autoestima em bom estado.

Autoestima é um conceito que apresenta certa complexidade e está intrinsecamente ligado ao equilíbrio emocional. A autoestima é construída desde a mais tenra infância, mas pode ser abalada a qualquer tempo e por uma série de fatores.

Os números demonstrados pela pesquisa são semelhantes às estatísticas internacionais, que relatam o perfil dos agredidos: são tímidos, atingem tanto garotos como garotas que destacam-se por possuírem alguma característica peculiar, ou seja, ou são obesos ou têm baixa estatura, quanto à idade, encontram-se com cerca de 11 anos e são receptivos às gozações, inertes, estáticos, impotentes.

Quanto aos agressores, sua idade média está entre os 13 e os 14 anos, pois manifestam-se poderosos, lideram, normalmente, um grupo de amigos e, frequentemente, vêm de um ambiente onde foram muito mimados pelos pais e, na grande maioria, é do sexo masculino (à volta dos 60%). Cléo Fante, coordenadora do centro e organizadora do 1º Fórum Brasileiro sobre *Bullying* Escolar afirma que as meninas são mais cruéis e tramam fofocas e intrigas para excluir colegas, no entanto, o *bullying* praticado pelo sexo feminino é menos explícito e dificilmente detectável.

> *O bullying pode, ao longo do tempo, causar graves danos e levar a interferências prejudiciais no processo de desenvolvimento cognitivo, emocional, sensorial, social e educacional das vítimas podem se tornar agressoras, causando até mesmo tragédias como a de Columbine, nos EUA, em 1999, quando dois adolescentes, vítimas de bullying, portando armamento pesado, encontram na escola Columbine, na qual estudavam e deram início a um massacre que entrou para a História do país. Durante cinco horas, Eric Harris (17) e Dylan Klebold (18) aterrorizaram a escola situada em Littleton, um subúrbio classe média de Denver. Munidos de carabinas, rifles, pistolas automáticas e bombas caseiras, eles feriram gravemente 23 pessoas e mataram outras 13. Logo depois, ambos cometeram suicídio (NUNES, 2011, p. 27).*

Sabe-se que o homem é um ser social que constrói seus relacionamentos no decorrer do tempo e por meio de suas experiências; são muito relevantes o aprendizado e a convivência com seus semelhantes.

Ações para minimizar a indisciplina

A resolução de problemas é uma competência que vai adquirindo com o vivenciar dos conflitos. A escola tem um papel relevante na formação de um ser social que busca soluções comuns aos seus pares, que age solidaria e cooperativamente.

A Comissão Internacional de Educação para o Século XXI estipulou os quatro pilares para a educação. São eles:

a. Aprender a ser

b. Aprender a conviver

c. Aprender a fazer

d. Aprender a conhecer

As quatro aprendizagens estipuladas pelo documento da UNESCO são: aprender a ser, aprender a conviver, aprender a fazer e aprender a conhecer. Por meio dessa formação, o sujeito se torna capaz de seguir seus estudos ou adentrar o mundo do trabalho.

> *O ponto de partida de Delors é a constatação de que a educação se constitui, principalmente, em uma via privilegiada de construção da própria pessoa, das relações entre indivíduos, grupos e nações, embora não se possa desprezar sua importância no processo permanente de*

> *enriquecimento dos conhecimentos, do saber-fazer (NUNES, 2011, p. 32).*

Neste ambiente de indisciplina e de violência escolar, os professores têm que ser preparados para o enfrentamento diário das salas de aula e, para tanto, precisam esta instrumentalizados para obter um clima de paz entre seus alunos. Desse modo, surgem as atividades facilitadoras para conduzir harmoniosamente os conflitos que surgem no dia a dia dentre as quais podemos destacar as abordagens restaurativas compostas por diálogos, negociações e reuniões restaurativas (mediações e círculos restaurativos) (POLANCZYK, 2008).

Como afirmamos anteriormente, as causas da indisciplina são múltiplas, mas vamos listar algumas: massificação – tratar todas as crianças indistintamente, sem respeitar suas crenças, sua cultura; fazer julgamentos negativos; pais muito permissivos; valores incrustados pela sociedade de consumo; ausência de referências nesta sociedade individualista; a mídia realça pessoas que não cumpre regras; relações professores/alunos estão desgastadas; é uma temática pedagógica onde o aluno pode questionar; a sala de aula é lugar de aprendizado da disciplina (GRAEFF; VAZ, 2008).

Concluindo...

Através da realização da presente pesquisa, constatou que a indisciplina por parte do aluno pode ser compreendida como sendo um comportamento inadequado, algo que representa um sinal de rebeldia. Diante disto, é necessário a identificação dos fatores que motivam a indisciplina escolar para que se possa promover melhor o seu enfrentamento.

Para muitos pesquisadores, o fator externo que mais contribui para o desenvolvimento desse problema no contexto escolar é a falta de atenção por parte dos pais, de forma que a indisciplina em sala de aula:

i. Pode ter início com simples conversas paralelas;

ii. O que mais contribui para o seu desenvolvimento são modos de relacionamento humano;

iii. Pode ser ampliada pela falta de inovações metodológicas e tecnológicas na escola;

iv. Encontra-se ligada intrinsecamente a fatores externos e internos;

v. Pode ser ampliada também quando o professor ministra suas aulas de forma inadequada e não planejada;

vi. A tendência impulsiva da adolescência é o fator psicológico que mais contribui para ampliar o referido problema;

No que diz respeito aos impactos produzidos pela indisciplina no processo de aprendizagem, existe um consenso de que tal problema causa significativos danos ao processo educativo, como também traz implicações negativas à saúde do professor, comprometendo seu estado emocional, gerando sentimento de frustração e desânimo.

Outra significativa conclusão proporcionada pela presente pesquisa diz respeito às melhores estratégias para o enfrentamento da indisciplina no contexto escolar. Existe o entendimento na literatura especializada de que é necessário conquistar a confiança do aluno, tratando-o como um aliado, como também deve-se desenvolver projetos visando uma melhor interação na escola.

Entretanto, como a indisciplina se trata de um problema complexo, que sempre poderá existir no contexto escolar, é necessário a realização de contínuas pesquisas, visto que o comportamento dos jovens e adolescentes vem sendo fortemente alterado pelas mudanças que se operam na sociedade.

Para que a escola possa enfrentar os problemas gerados pela indisciplinam recomenda-se à escola:

i. Aproxime-se mais do aluno e de toda comunidade escolar;

ii. Dialogue melhor com os discentes e docentes;

iii. Passe a ter uma equipe multidisciplinar para dar um melhor suporte ao trabalho do professor;

iv. Capacite melhor seus professores para que esses tenham maior domínio das tecnologias e façam um melhor uso

das metodologias, visando produzir uma aula mais dinâmica e produtiva;

v. Traga para seu contexto mais tecnologias digitais, que possam ser utilizadas pelo professor e por seus alunos em sala de aula;

vi. Desenvolva projetos integradores, trazendo a comunidade para dentro do espaço escolar e, ao mesmo tempo, levando o discente para espaços não escolares, para que esse possa melhor contextualizar os conteúdos apresentados em sala de aula;

vii. Rediscuta o seu papel e elimine tudo aquilo que possa contribuir com o desenvolvimento da indisciplina em seu contexto, elegendo o diálogo como a melhor forma de se produzir a educação.

Referências

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho = aluno difícil**: A Questão da Indisciplina em Sala de Aula. Petrópolis-RJ: Vozes, 2013.

BASTOS, Cleide Selma Lelis Silva. Indisciplina: Grande obstáculo ao ensino e à aprendizagem. **Braz. J. of Develop**., v. 6, n. 7, p. 49195-49207, jul. 2020.

BENCZIK, Edyleine Bellini Peroni. **Manual da escala de transtorno de déficit de atenção/hiperatividade**. Versão para professores. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente – um guia para jornalistas**. 2. ed. Brasília: Rede ANDI Brasil, 2009.

CABALLO, Vincente. E.; SIMÓN, Miguel Angel. **Manual de psicologia clínica infantil e do adolescente – Transtornos gerais**. São Paulo: Santos, 2007.

CANDREVA, Thábata. A agressividade na educação infantil: o jogo como forma de intervenção. **Revista Repensar a Prática**. v. 12, n. 1, abr. 2009.

COSTA, Eduardo Alves da. **No caminho com Maiakóvski.** 3. ed. Geração Editorial, 2003.

DA SILVA, Alinice dos Santos Lara et al. A indisciplina na educação infantil. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**, v. 9, n. 7, p. 1710-1715, 2023.

DOMINGOS, Gabriela Ana; SOARES, Andrey Felipe Cé; FRAINER, Viviane. A importância da parceria entre o supervisor escolar e os professores em relação aos alunos que manifestam indisciplina escolar. **REFS** - Revista Eletrônica da Faculdade Sinergia, Navegantes, v. 9, n. 14, p. 50-61, jul./dez. 2018.

DUARTE, Kátia Macedo. Os impactos da indisciplina na aprendizagem. VI Congresso Nacional de Educação – CONEDU, Maceió, 15 a 17 de outubro de 2020, **Anais**.

DUQUE, Giselle Bicalho Sampaio. **Agressividade infantil**. Monografia (Licenciatura Plena em Pedagogia) – Faculdade de Pedagogia, Universidade Candido Mendes Instituto A Vez do Mestre. Rio de Janeiro, 2009.

FELICIANO, Maria Madalena de Melo. A indisciplina escolar na educação infantil: desafios e possibilidades na sala de aula. VII Congresso Nacional de Educação, 15 a 17 de outubro de 2020, Maceió, **Anais**.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novíssimo dicionário Aurélio de língua portuguesa**. 5. ed. Rio de Janeiro: Positivo, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia:** saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GOMES, Marcelo et al. Conhecimento sobre o transtorno do *Déficit* de atenção/hiperatividade no Brasil. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**. 2007, v. 56, n. 2, p. 94-10.

GOMES, Michele da Silva; CEZÁRIO, Danilo de Sousa; FREIRE, Cícera da Silva Maciel; ALBUQUERQUE, Maria Elizieth Anacleto de. Indisciplina escolar: causas,

apontamentos e reflexões. IV Congresso Nacional de Educação – IV CONEDU, 2022. **Anais.**

GRAEFF, Rodrigo Linck; VAZ, Cícero E. Avaliação e diagnóstico do Transtorno de Atenção e Hiperatividade (TDAH). **Psicologia USP**, São Paulo, julho/setembro, 2008, 19(3), p. 341-361.

JACOBS, Daniela Bossolani Amato; CIPOLA, Eva Sandra Monteiro; TAKAHASHI; José Leonardo; MELO, Alessandro Caetano Fernandes de. A indisciplina e seus fatores determinantes. **Revista Científica UNAR**, v. 16, n. 1, 2018. p. 158-172.

LA TAILLE, Yes de. **Limites**: três dimensões educacionais. São Paulo: Ática, 2010.

KAIPPERT, Ana Cristina Mussel; DEPOLI, Ana Maria Almeida; MUSSEL, Fátima Maria Esteves. Hiperatividade. **Pedagogia em Foco**. Petrópolis, 2002.

KRINGE, Maiara Kath. **Reflexões teóricas a respeito da indisciplina escolar**. Pelotas-RS: UFPel, 2020.

LIMA, Franciedilina Alves de Oliveira. **Transtorno do *déficit* de atenção e hiperatividade**: entendendo melhor a criança com TDAH no contexto da escola pública. 2012.

LISBOA, Antônio Márcio Junqueira. **A primeira infância e as raízes da violência**. Brasília: LGE Editora, 2006.

MARTINS, Lizandra Vieira; OLIVEIRA, Adriano Teixeira de; NICOT, Yuri Exposito. Indisciplina escolar na percepção de docentes e discentes no ensino fundamental. **Educitec**, v. 3, n. 4, p. 1-13, 2016.

MATOS, Daniel Abud Seabra; FERRÃO, Maria Eugênia. Repetência e indisciplina: Evidências de Brasil e Portugal no pisa 2012. **Cadernos de Pesquisa**, v. 46, n. 161, p. 614-636, jul.-set., 2016.

MORAIS, Elaine Amélia de; GIMENES, Olíria Mendes. Práticas pedagógicas preventivas da indisciplina escolar. **Diversa Prática**, v. 6, n. 2, p. 139-164, jul.-dez, 2019.

NUNES, Antônio Osório. **Como restaurar a paz nas escolas**: um guia para educadores. São Paulo: Contexto, 2011.

OLIVEIRA, Claudeney Licinio; MÜLLER, Antônio José. A indisciplina na escola: Desafios e transformações. **Revista Educere et Educare**, v. 13, n. 29, set-out., 2018. p. 1-15.

OLIVEIRA, Edinalva Borges de; SOARES, Hellen Conceição Cardoso. Indisciplina na educação infantil: causas e consequências. **Revista Científica Online**, v. 11, n. 2, 2019. p. 1-14.

PARRAT-DAYAN, Silvia. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Silvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

PEREIRA, Antônio Igo Barreto; BLUM, Vera Lúcia. Poder, resistência e indisciplina escolar: a perspectiva docente sobre os comportamentos transgressores dos alunos. **Revista de Educação Pública**, v. 23, n. 54, 2014. p. 739-757, set./dez.

PIAGET, Jean. **Piaget Seleção de textos de José Américo Motta Pessanha**. Editora: Abril Cultural, 1983.

PINHO, Lorena Ferreira; MARQUES, Nelson Reyes. Habilidades socioemocionais no ambiente escolar: uma proposta pedagógica. **II Seminário do PPGCITED –** IFSul. 2023.

POLANCZYK, Guilherme Vanoni. **Estudo da prevalência do transtorno de** Porto Alegre: UFRS, 2008.

REBELO, Rosana Aparecida Argento. **Indisciplina escolar**: causas e sujeitos. 4 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.

RODRIGUES, Ícaro Arcênio de Alencar; MARQUES, Larissa Carvalho; GOMES, Márcia Maria Costa. Como a indisciplina em sala de aula interfere no trabalho docente. **Revista Principia**, n. 21, p. 21-29, dez., 2016

SALLA, Fernanda. Neurociência: como ela ajuda a entender a aprendizagem. **Nova Escola**. 15 de junho de 2012.

SANTOS, Claudio Marcio dos. Orientação Educacional: mediação e intervenção diante da indisciplina escolar. **Revista Educação Pública**, v. 20, n. 12, p. 1-10, mar., 2020.

SANTOS, Humberto Corrêa dos. A Indisciplina na Escola: causas, prevenções e enfrentamento. **Estação Científica,** n. 15, 2016. p. 1-13, jan.-jun.

SANTOS, Maria Aparecida Cabral Costa dos; LUCENA, Helen Halinne Rodrigues de. A indisciplina escolar: um estudo de caso no interior de Pernambuco. **Open Minds International Journal**, v. 1, n. 2, 2020. p. 20-41, set.-dez.

SANTOS, Rosélia Maria de Sousa et al. A utilização de práticas pedagógicas inovadoras no ensino fundamental**:** Avaliando os desafios enfrentados pelos professores. In**:** SANTOS, José

Ozildo dos. **Docência & práticas educativas**. Campina Grande-PB: GESEA, 2023.

SILVA NETO, Cláudio Marques da; CARVALHO, Marília Pinto de. Indisciplina na sala de aula e suas nuances de gênero. **Caderno de Pesquisas**, v. 52, n. 2, p. 1-19, 2022.

SILVA, Aylla Monise Ferreira da. Indisciplina escolar: compreender as causas para intervir. IV Seminário Internacional de Representações Sociais, Subjetividade e Educação, Macapá, 1 a 3 de abril de 2017, **Anais**.

SILVA, Elisabeth Ramos da; ABUD, Maria José Milharezi. As representações docentes sobre as causas da indisciplina na escola: de quem é a culpa? **Revista do GEL**, v. 13, n. 1, 2016. p. 87-106.

SILVA, Ellery Henrique Barros da; NEGREIROS, Fauston; SILVA JÚNIOR, Aldenor Batista da; LOIOLA, Francisca Andreia Macedo. O fenômeno da indisciplina no contexto escolar: o que dizem os professores atuantes no ensino fundamental? **Educação em Debate**, Ano 43, n. 84, 2021. jan./abr.

SILVA, Luciano Campos da; MATOS, Daniel Abud Seabra. Indisciplina no pisa: entre o intra e o extraescolar. **Est. Aval. Educ.**, v. 28, n. 68, p. 382-416, mai-ago., 2017.

SINDER, Marilene. Vygotsky e Bakhtin - Psicologia e educação: um intertexto. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 18, n. 60, dec. 1997.

SOUZA, Maria Abigail de; CASTRO, Rebeca Eugênia Fernandes de. Agressividade infantil no ambiente escolar:

concepções e atitudes do professor. **Psicol. estud**., Maringá, v. 13, n. 4, p. 837-845, dec. 2008.

SOUZA, Nilva Cristina de; CARVALHO, Christina Vargas Miranda e; SILVA, Luciana Aparecida Siqueira. Indisciplina no contexto escolar: percepções de profissionais da educação de uma escola da Rede Estadual de Ensino de Goiás. **Multi-Science Journal**, v. 2, n. 1, 2019. p. 33-42.

TAVAREZ SOSA, Mildred Maybek. Estrategia formativa con enfoque en la disciplina positiva para fortalecer la convivencia escolar en una escuela rural de Coquito. **Repositório USIL**. 2023.

VASCONCELLOS, Celso. **(In)Disciplina**: construção da disciplina consciente e interativa em sala de aula e na escola. 18. ed. São Paulo: Libertad, 2010.

XAVIER, Luizanil Benedita. COTRIN, Jane Teresinha Domingues. O atendimento psicológico à queixa de indisciplina escolar na rede de saúde: reflexões críticas. **Psicologia em Revista**, v. 24, n. 1, p. 19-39, abr. 2018.

ZOZ, Driéle Letícia; TREVISAN, Andreia Cristina Rodrigues; TREVISAN, Eberson Paulo. Indisciplina escolar na visão de alunos e professores: investigando concepções. **Scientific Electronic Archives**, v. 10, n. 10, p. 50-63, out., 2021.

Minibiografia do autor

Professor da rede pública, mestre em Ciências da Educação (VCCU), especialista em Literatura e Língua Portuguesa (UNIFIP), graduado em Letras Português-Inglês (UNIFIP) e licenciado em Pedagogia (UniCV), pesquisador do cenário escolar brasileiro, especialmente na linha de pesquisa *'Transformação e Complexidade da Educação na Contemporaneidade'*. E, autor de algumas produções acadêmicas sobre a indisciplina no contexto escolar.

GEASE